

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Alan Sieber

Em busca do conto perfeito

No mês em que Dalton Trevisan completa 87 anos, **Cândido** discute a obra do escritor, que acaba de receber o Prêmio Camões



Em 1968, o crítico Fausto Cunha e o cronista Rubem Braga sentenciaram: “Dalton Trevisan é o maior escritor vivo do Brasil”. Nas cinco décadas que nos separam dos anos 1960, o escritor paranaense tratou de confirmar a sentença, que à época poderia soar exagerada. Dalton não só construiu uma obra imensa, mas, principalmente, criou uma literatura extremamente singular, sem precedentes não só na literatura nacional, mas mundial.

Com obras como *O Vampiro de Curitiba*, *Novelas nada exemplares*, *Cemitérios de elefantes* e *A guerra conjugal*, seus grandes livros dos anos 1960 e 1970, o escritor tomou para si o papel de principal iconoclasta da literatura brasileira.

Neste mês de junho, Dalton Trevisan completa 87 anos. Da militância cultural na revista *Joaquim* até o presente momento, foram mais de seis décadas produzindo alta literatura. Quando lançou sua igualmente iconoclasta revista, que balançou os alicerces da cultura local, o escritor tinha apenas 20 anos. Uma trajetória fantástica, que acaba de ser valorizada com o Prêmio Camões — considerado o mais importante da literatura de língua portuguesa — e que é lembrada nesta edição, com textos críticos e matérias que procuram passar por diversos aspectos da obra do contista.

Autora de obra referencial sobre Dalton Trevisan, Berta Waldman escreve texto esclarecedor sobre a singular voz literária que o autor criou a partir de personagens humildes, mas que carregam uma carga emocional gigantesca. Gente de toda espécie, como velhos decrepitos, mulheres da noite, maridos traídos, esposas arrependidas, viciados e doentes desamparados. Personagens que transitam por uma Curitiba muito particular, esmiuçada por Roberto Muggiati, grande conhecedor da obra do Vampiro e da *urbe*, em um texto que resgata a Curitiba perdida de Trevisan, o Vampiro que quase nunca é visto, nem mesmo por vizinhos como Caetano Galindo, tradutor que escreve sobre a invisibilidade do contista paranaense. Além disso, um time de grandes ilustradores retratam as idiosincrasias do contista, famoso pela reclusão. Boa leitura a todos.

HUMOR

CACO GALHARDO



CARTAS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer pelo recebimento das edições do **Cândido**. Como editor e escritor, muito tem me atualizado e servido. Sobre a matéria “Gênese autobiográfica da ficção”, tema que adorei e aprofundei-me pela qualidade, desejo parabenizar o autor Christian Schwartz. Excelente mesmo...

Walmor Santos – Via e-mail.

Agradeço por fazer parte do *mailing-list* do **Cândido**. Aproveito para parabenizar pela excelente qualidade do jornal.

Carlos Trigueiro – Via e-mail.



EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado de Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior.

Redação: Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Guilherme

Magalhães, Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy. **Fotografia:**

Kraw Penas **Projeto gráfico e diagramação:** Versão Design.

Colaboradores desta edição: Allan Sieber, Benett, Berta Waldman,

Caco Galhardo, Caetano Galindo, Daniel Zanella, José Aguiar,

Oriandeli, Roberto Muggiati e Robson Vilalba.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

HISTÓRIA DO PARANÁ

Cultura do Paraná em revista

Batizada em homenagem à poeta Helena Kolody, nova publicação da Secretaria da Cultura combina arte, história, geografia, literatura e gastronomia

OMAR GODOY

Uma revista cultural que debate temas paranaenses, para levar o leitor à reflexão e à ação. É o que propõe o editorial de *Helena*, publicação trimestral idealizada pela Secretaria de Estado da Cultura cujo número zero já circula por todo o Paraná. Com tiragem de cinco mil exemplares e distribuição gratuita, a edição de estreia dissecou o universo da personalidade que batiza o projeto: a poeta cruzmachedense Helena Kolody (1912-2004).

Ao longo de 116 páginas, mais de 30 jornalistas, escritores, fotógrafos e artistas abordam a trajetória poética, pessoal e geográfica da homenageada, que se confunde com a história do Paraná no último século. Também há espaço para um inventário sobre a influência grega no Estado, fruto de uma livre associação entre o nome da poeta e a cultura helênica. O time de colaboradores, multidisciplinar, chama a atenção pela experiência: Paulo Ven-

turelli, Eloi Zanetti, Ulisses Iarochinski, Carlos Alberto Pessôa, Adélia Maria Lopes, Edson Bueno e Marta Morais da Costa, entre outros.

O responsável por reunir essa equipe é o escritor e publicitário Ernani Buchmann, criador e consultor editorial da empreitada. Foi ele que, no início de 2011, procurou o secretário estadual da Cultura, Paulino Viapiana, para propor a publicação de um jornal ou revista cultural que fosse além dos meios acadêmico e literário. “Desde o começo, deixei bem claro que o projeto deveria ter o tom mais informal do jornalismo, para alcançar um número maior de pessoas”, explica Buchmann.

Quanto ao título, ele conta que a ideia era seguir a tradição paranaense de batizar veículos com nomes de pessoas (como *Joaquim*, *Nicolau* e, mais recentemente, o próprio *Cândido*). “Como o Paulino preferiu produzir uma revista em vez de um jornal, e revista é um substantivo feminino, o nome *Helena* surgiu naturalmente.”

O tema do próximo número da *Helena* é, nas palavras do consultor editorial, a “civilização do Norte do Paraná”. “Vamos contar a saga das pessoas que colonizaram aquela região. São experiências épicas que o Brasil, e boa parte dos paranaenses, simplesmente não conhece”, afirma.

Número zero

Helena Kolody é o fio condutor do número de estreia da revista, que aborda momentos históricos do Paraná



nos últimos 100 anos e aspectos da cultura helênica. O historiador Arnaldo Monteiro Bach, por exemplo, escreve sobre as embarcações a vapor que ainda navegavam pelo Rio Iguaçu quando a poeta era criança. Carlos Roberto Antunes do Santos, ex-reitor da UFPR e autor de *História da alimentação no Paraná*, fala sobre o charque cozido durante essas viagens.

Eduardo Rocha Virmond, presidente da Academia Paranaense de Letras, traça um perfil poético e afetivo de Helena Kolody, enquanto a poeta Adélia Maria Woellner apresenta uma minibiografia da homenageada. O escritor e professor Paulo Venturelli analisa a linguagem utilizada por Kolody. A jornalista Adélia Maria Lopes propõe um diálogo entre a revista e os jornais *Joaquim* e *Nicolau*. Já o cinéfilo Cláudio Lacerda lembra dos filmes gregos exibidos nos antigos cinemas de rua de Curitiba.

Luiz Claudio Oliveira, jornalis-

ta e escritor, cita exemplos da relação entre música e literatura. Marta Morais da Costa, professora e ensaísta, destaca a encenação de clássicos da dramaturgia grega na capital durante os anos 60. Manoel Coelho, arquiteto e urbanista, examina a influência das construções gregas em alguns projetos arquitetônicos curitibanos.

Há, ainda, ensaios fotográficos de Nego Miranda e Kraw Pennas e o resgate de textos de figuras históricas do Estado, como David Carneiro (1904 – 1990), Alvir Riesemberg (1907 – 1975) e Bento Munhoz da Rocha Netto (1905 – 1973). Entre os designers que desenvolveram o projeto gráfico da revista está Rita Soliéri Brandt, conhecida por seu trabalho no jornal *Nicolau*.

A *Helena* é distribuída em bibliotecas públicas e espaços culturais públicos e privados. Também está disponível no site www.cultura.pr.gov.br e, em breve, terá uma versão para *tablets*. ■

ENSAIO



A.S.

Ilustração:
Allan Sieber



No ventre do minotauro

Autora do livro *Do vampiro ao cafajeste – uma leitura da obra de Dalton Trevisan*, **Berta Waldman** analisa o percurso literário do escritor curitibano

Novelas nada exemplares (1959) é o primeiro livro em circuito comercial publicado por Dalton Trevisan. Contando hoje com vasta e significativa obra, pode-se afirmar que esse autor está entre os melhores escritores vivos do país, unanimidade que poucos ousariam afrontar sem incorrer em deslize crítico. Trevisan se repete? Trata-se, a meu ver, de um escritor programático e obsessivo, que instrumentaliza a repetição, utilizando-a como matéria literária.

“Ora, direis, ele se repete. E eu vos direi, no entanto, como poderia se cada personagem é baseado numa pessoa diferente? Se alguém se repete são elas, essas pessoas iguais, sempre as mesmas. Pô, destino próprio, história única, vida original — não há mais?” (*Pico na veia*, 2002).

Até 1972, data de publicação de *O rei da terra*, a investigação da matéria literária tem peso maior na obra de Trevisan; entretanto, ela sofre redução paulatina e, com ela, vem o enxugamento da linguagem, que se depura e se inova para dar relevo estético,

e histórico para as coisas de seu tempo e lugar. Nesse sentido, a Curitiba que emerge dos contos, à maneira do que acontece com o nordeste de Graciliano Ramos ou o sertão de Guimarães Rosa, é o próprio mundo, porque o mundo também é Curitiba no que tem de grotesco e regressivo. Em outras palavras, a medida de um escritor, principalmente nos países periféricos como o Brasil, deriva, em grande parte, da agudeza para perceber que a complexidade do mundo contemporâneo também se expressa aqui, e que uma representação artística e eficaz do particular contribui para a construção de uma imagem do conjunto.

Ambientados na periferia da periferia, desfilam nos contos, sob um facho de luz fria, funcionários públicos, lojistas, prostitutas, donas de casa, domésticas, normalistas, trabalhadores da terra, malandros, bandidos, policiais, viciados em droga, bêbados, religiosos, machões, abusadores de menores. O autor monta uma cena ficcional presa entre quatro paredes,

“ Para alcançar a condensação, Dalton subtrai, ‘enxuga’ frases, trechos de contos, reescritos algumas vezes em novas edições.”

que objetiva, entre nós, a negatividade de uma obra construída segundo a melhor tradição literária no mapa da narrativa contemporânea.

Para alcançar a condensação, o autor subtrai, “enxuga” frases, trechos de contos, reescritos algumas vezes em novas edições. Um pouco como a gravura de Escher onde uma mão apaga o que a outra escreve; a mão que corrige e corta, não é a mesma que aquela que escreve; outras forças a guiam, outras razões a fazem apagar, substituir, polir, agregar, dando visibilidade a um processo em que as alterações indicam paradoxalmente uma vontade de narrar e de calar.

Essas “correções” de rota criam tensão entre o material publicado e o novo texto que se sobrepõe ao primeiro, forjando-se uma teia intertextual de diálogos endogâmicos, onde o outro, o novo, é estranhamente investido de atributos do mesmo. Através dessa operação em que um traço não para de fazer dobrar, volta-se ao mesmo paradigma para se ressaltar uma imagem que se vai decupando.

A partir de 1974, com *O pássaro de cinco asas*, Trevisan radicaliza a redução da linguagem, tomando como alvo o haicai, as “ministórias”, a palavra descarnada. Ao mesmo tempo que submete a linguagem a diferentes experiências formais — verticalização do conto recortado em verso e redução do conto a “ministória” —, o autor corta a frase e cria-lhe novos

ritmos, enquanto restringe as personagens à periferia, essa zona obscura que sua obra ilumina e nos obriga a ver. Nesse livro, o haicai terá lugar privilegiado e essa inclusão passa a ser tão vigorosa que se inscreve como programa estético, conforme se pode ler no único prólogo que o autor escreveu a seus li-

vros e que também data de 1974:

“Para escrever o menor dos contos a vida inteira é curta. Nunca termino uma história. Cada vez que a releio eu a reescrevo (e, segundo os críticos, para pior). Há o preconceito de que depois do conto, você deve escrever novela e afinal romance. Meu caminho será do conto para o soneto e dele para o haicai.” (*Ah, é?*, 2002).

A partir de certo momento, então, as frases que já eram curtas, passam a se truncar cada vez mais. A poda é tão radical que a sintaxe sofre, tornando o texto acentuadamente hermético. Embora a redução conste do programa estético do autor, fica a questão que indaga pelo sentido da compressão estilística na obra de Dalton Trevisan, que tem nos livros *Ah, é?*, *Dinorá* (1994) e *234* (1997) exemplos bem radicais. Os haicais ou ministórias (neologismo do autor) estão longe da poesia de tradição japonesa que lhes empresta o nome. Nesta, segundo a apreciação budista, todas as coisas — humildes, grandes, triviais, excelsas — são somente parte de uma totalidade que se deve recuperar através da mera alusão. Uma folha é suficiente para identificar o bosque, atrás do qual está a natureza. Uma gota descobre o mar e, com ele, as marés, o movimento do universo. E assim por diante. Já em Dalton Trevisan os haicais são antes fragmentos deslocados de contos matriciais que, isolados, criam uma autonomia, embora continuem, paradoxalmente, inseridos nas grandes linhas associativas criadas pelas dobraduras da repetição. Nesse caso, a fragmentação espelhada na forma estilhaçada e reduzida das ministórias significa sempre a perda da totalidade, enquanto os haicais japoneses, através de simples esboços, apontam duas ou três realidades desconexas que, no entanto, têm um sentido mais amplo que cabe ao leitor desco-

“ Os haicais ou ministórias (neologismo do autor) estão longe da poesia de tradição japonesa que lhes empresta o nome.”

Para leitores exemplares

NELSON DE OLIVEIRA

Tempos atrás, bolei uma coleção de livros de ficção e poesia chamada “100 (Sem) Leitores”. Essa coleção surgiu, em parte, graças a uma sugestão indireta do Dalton. Na época eu recebi dois ou três caderninhos no estilo cordel, editados pelo próprio Dalton, e adorei o formato desprezível. Era um modo bacana de o autor testar seus contos, minicontos e haicais, antes de publicá-los em livro. A surpresa foi ver um autor consagrado usando um meio alternativo de circulação literária. A coleção “100 (Sem) Leitores” seguiu um caminho parecido. Eram pequenas tiragens, quase artesanais, porém de gente pouco conhecida fora do gueto, daí a brincadeira com o “sem leitores”. Livros de Glauco Mattoso, Renato Rezende, Valério Oliveira e outros eram distribuídos entre escritores e leitores selecionados a dedo. O bordão da coleção? “Com exemplares para cem leitores não menos exemplares.”

 **Nelson de Oliveira** nasceu em Guaira (SP), em 1966. É romancista, contista e cronista. Organizou diversas antologias, como *Geração 90: manuscritos de computador* (Boitempo Editorial, 2001) e *Geração Zero Zero* (Editora Língua Geral, 2011).



DESASTRES DO AMOR

Dalton Trevisan



Dalton Trevisan

Crimes de Paixão



brir. No texto de Trevisan, a fragmentação se dá porque um caminho narrativo se intercepta, fazendo o conto colidir com um limite que impede sua progressão. Então, ele retorna, e vai escavando um mesmo paradigma, preso que está a uma estrutura da qual só será possível escapar pelo esgarçamento da forma. Ora, esse movimento remete à estrutura poética. Por outro lado, dizer que o conto de Dalton Trevisan esconde, desde sempre, uma estrutura poética, não significa edulcorar o que nele é ácido e amargo, uma vez que seu texto caminha na contramão do lirismo tradicional e instala-se num registro antilírico, oferecendo-se ao leitor como *flashes* do cotidiano em estado bruto. Talvez se possa pensar que o móvel do gesto de “reescrever”, para além das obsessões do autor de retomar o mesmo e dos sentidos estéticos que a repetição acarreta, esteja amparado no desejo de levar à exaustão o exercício da produção de efeitos que a repetição propicia, o que o conduz também a reapresentar alguns de seus contos através da verticalização dos versos, acentuando ainda mais o minimalismo da forma. É o caso de “Dinorá”, entre tantos outros:

“Perdida por esse negão
Dava tudo pra ele
Era sandália era cigarro
Pinga da boa um radinho
Só quer dinheiro uma nota mais uma
O que ele tem?
Um ranchinho uma guapeca um
fácio.”

A condensação aqui é conseguida por subtrações, mas também pelo ajuste cada vez mais calibrado do episódio narrado ao seu miolo, fazendo-o coincidir com a sua expressão verbal. Assim, Trevisan procura fazer com que o que ele diz seja presença da coisa dita e não discurso sobre a coisa. Por isso, nos seus melhores contos, o método é

francamente poético, e não estranha que a literatura do autor exerça influência não só na prosa, como também na poesia brasileira contemporânea, como é o caso da poesia de Francisco Alvim.

O resultado é um híbrido tensionado entre dois gêneros, um que glosa, narra e comenta, outro que recria e re-coloca o objeto numa nova ordem. Essa situação se inverte espetacularmente quando Dalton Trevisan escreve os haicais. Aí, sua intenção é a de inscrever suas pequenas peças em rubrica poética, mas ele desconfia dessa inserção de modo absoluto, já que apõe aos haicais o subtítulo de “ministórias”. Nelas, a narratividade (é verdade que alusiva, troncada, telegráfica, hermética) mantém-se em diferentes graus, e assim também as personagens (embora sem face), fiapos de traços descritivos, diálogos feitos de falas à deriva, destituídas das travas responsáveis por sua coesão.

“Tua professora ligou. De castigo, você. Beijando na boca os meninos. Que feio, meu filho. Não é assim que se faz.

— ...
— Menino beija menina.
— Você é gozada, cara.
— ...
— Pensa que elas deixam?” (*Dinorá, novos mistérios*)

Assim, temos montada uma estranha ordem na obra de Trevisan, sempre assombrada dialeticamente pelo seu contrário: atrás da narrativa, a poesia; atrás da poesia, a narrativa. Nos dois casos, o texto avança para além dos limites do gênero a que se vincula, provocando sua ruptura.

Essa ambivalência é, com certeza, expressiva do modo como o autor enxerga a literatura. De um lado, “desierarquiza” — se o espaço nobre da poesia que desce da torre do prestígio literário, de outro lado, o autor frustra a

expectativa ou promessa de que o futuro do conto seria a novela ou o romance, nobilitando um gênero que, em geral, tem sua complexidade de composição subestimada, talvez por ser curto e, por isso, parecer ao leitor de mais fácil execução. Na pena de Trevisan, o conto ganha um relevo excepcional porque o autor nele exercita, como poucos, o engendramento de um núcleo capaz de atrair todo um sistema de relações conexas, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que pareciam flutuar virtualmente na memória ou na sensibilidade do leitor.

Atravessando a poesia e a narrativa, um certo tipo de coloquialismo que o leitor identifica como o estilo de Dalton Trevisan dá o tom geral. E um dos procedimentos mais interessantes utilizados pelo autor para chegar a ele liga-se à prática hiperrealista de transferir para o texto linguagens prontas, *ready mades*, clichês, que vêm do mundo da experiência cotidiana, onde o automatismo da percepção as banaliza. Aqui elas se deslocam para a literatura, lugar em que ganham novo estatuto e sentidos diversos.

O maníaco do olho verde (2008), inscreve-se na mesma moldura. Violência, roubo, estupro, assassinato, droga, bebida, alcaguetagem, identificação entre ladrão e polícia, transitam pelos contos, homologando a falta de solidariedade entre pares, o gesto gratuito de violência, o abuso sexual de crianças, num mundo em que não existe mais vestígio do bem nem princípio moral ou lei que se sustente.

Escuta atenta e aguda, o autor registra falas de grupos sociais e as põe

“ O texto de Trevisan caminha na contramão do lirismo tradicional, oferecendo-se ao leitor como flashes do cotidiano em estado bruto.”

“Ao invés de confirmar o que o leitor deseja ler, Dalton o obriga a olhar, partilhar e aceitar um mundo indesejado, sem nenhuma perspectiva de redenção.”

em circulação em seus livros. Variadas, facilmente identificadas pelo leitor, elas vão sendo atualizadas. Assim, em obras mais recentes, vão ganhando espaço o discurso do viciado em crack, do cheirador de pó, do traficante, ou a inclusão de falas relacionadas a seitas e grupos religiosos divulgados pela mídia, que trazem a promessa de se montar uma vida espiritual por algum prefixo telefônico, em ligação direta com Deus. Esses discursos deslocados do real para a ficção compõem com breves pinceladas uma espécie de “quadro vivo” concentrado

no essencial, sem alçapões ilusionistas nem jogos de luz enganadores. Funcionando como moeda corrente, essas falas não se ligam a um corpo, correm soltas na boca da jovem, da velha, do malandro, do pivete, do bacana, da mulher, do doutor. O trânsito transforma a personagem em portador abstrato da linguagem que, desse modo, se emancipa, toma rumo próprio, alheio às intenções de qualquer subjetividade. Expressão da violência também no modo direto com que aborda sua matéria, a linguagem é incisiva, licenciosa, compacta, tem a precisão de um tiro à queima-roupa, ainda que não prescindia de alguma dose de humor. É difícil, entretanto, sustentar o riso quando o leitor se dá conta de que o que se apresenta é um mundo sem sentido e sem saída, em relação ao qual ele quer estabelecer distância, mas que é obrigado a enxergar. Esse mundo calcado no negro, sem o anteparo de qualquer idealização ou promessa de redenção, detém-se num corpo-a-corpo com o real. Para forçar a difícil identificação do leitor com as personagens em situação, uma das estratégias do autor é fazer deslizar a pessoa que fala (eu) para a pessoa com quem se fala (você), de modo a implicar também aquele que lê

na matéria narrada:

“Eu tava três dias fumando horrores. Sem comer. Sem dormir. Só queimando a pedra. Nunca posso guardar umazinha só. Fumo tudo que tiver. Se você para a fissura te pega.” (*O maníaco do olho verde*)

“Você” tem valor indeterminado (equivale a “se se para”), mas também inclui o leitor, em quem respinga a violência dos atos, transformando a todos em coparticipantes da vida nua, feita da distribuição global de vício, miséria e morte. Catadores de papel, de latinhas, vagabundos, viciados em crack ou alcoólatras são vítimas incautas da violência policial, presos por equívoco, notadamente porque pobres e à margem, sempre identificados como assaltantes, ladrões. Todo tira-abusa da autoridade, tortura, atua fora-da-lei. Mas à medida que se avança pelos contos, vai se ganhando uma estranha simpatia pelas personagens muitas vezes anônimas, mas demasiado humanas, enquanto algumas imagens em forte concentração lírica vão dotando a linguagem de um crescente vigor.

O conto “O maníaco do olho verde” é o dilacerado depoimento em primeira pessoa de um esturpador compulsivo. O maníaco, para quem todas as mulheres são iguais, ouve o comando de um assobio interno e, ato contínuo, ataca qualquer uma, de qualquer idade, sem planejamento prévio. O mais pungente é o caso da menina:

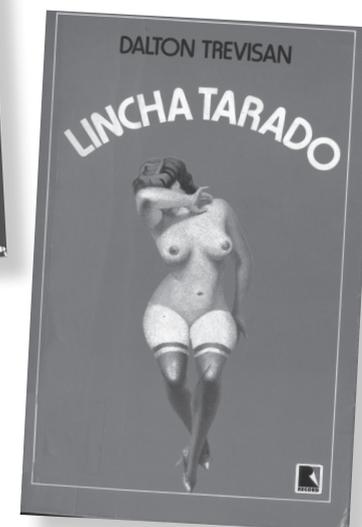
“...De volta da escola, a mochila amarela nas costas, um macaquinho verde suspenso, pra cá, pra lá. De braço aberto, ela se equilibrava no trilho. Ali mesmo eu derrubei. Tão feinha e magrinha. Quantos anos você tem? *Onze*, ela disse. O assobio me azucrinava a cabeça. Escapar já não podia. Nem eu nem ela. Feche o olho, eu disse. *Sim, senhor*. Sem eu desconfiar. *Virgem*, a pobre. Até pedi

O conto-haikai

MARÇAL AQUINO

O paranaense Dalton Trevisan é um dos mestres do conto brasileiro contemporâneo, ao lado de Rubem Fonseca e Luiz Vilela. Mas, ao contrário dos dois mineiros, que expandiram sua prosa, incursionando de forma relevante pela novela e pelo romance, Dalton fincou seus marcos no território do conto, usando a linguagem para uma concentração radical de meios narrativos. Aqui, menos foi sempre mais. Como se buscasse o conto-haikai. Grandes escritores escrevem grandes livros; mestres, como Dalton Trevisan, criam vias de acesso a mundos onde podemos contemplar nossa patética condição.

 **Marçal Aquino** é jornalista, roteirista e escritor. Entre suas principais obras estão *O Invasor* (2002), *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), recentemente adaptado para o cinema. Também é roteirista da *TV Globo*. Vive em São Paulo (SP).



desculpa por toda a sangueira.”

O autor humaniza seu personagem ao ampliar-lhe a vida: tem mãe que depende dele e não pode saber o que o filho faz; tem profissão, é eletricitista; deseja namorar e casar; sabe que tem um distúrbio e que é até capaz de matar e sabe também que corre o risco, se for pego, de ser linchado, sodomizado, currado.

Ao escapar da estereotipia do vilão desenfreado, o protagonista ganha humanidade e com ela força a identificação do leitor com esse mundo que se deseja invisível:

“Bem que as pessoas não entendem: *É um louco! Um assassino! Um monstro!* Me diga. Que culpa tenho eu? Assim fui nascido. Simples capricho do Senhor Deus. Sei lá, o mau sangue dos pais. Uma praga do capeta desgracido. Podem me condenar, babacas e bundões. O que eu faço? Tudo o que vocês gostariam. Eu sou um de vocês.”

Assim, ao invés de confirmar o que o leitor deseja ler, o autor o obriga a olhar, partilhar e aceitar um mundo indesejado e desidealizado, sem nenhuma perspectiva de redenção. O autor lança o leitor para uma esfera demoníaca e atinge-o com uma faca no coração.

Em alguns contos de seu último livro, *O anão e a ninfeta* (2011), ressoa o tempo que escoia: em passadas graves, o velho e seu cão sofrem a falta da mulher (“O rosto perdido”), o poeta envelheceu — “achará na volta o caminho de casa?” (“O velho poeta”) e Curitiba não é mais a mesma. Mas Dalton Trevisan continua mestre na economia que é a riqueza de sua arte. Nela, a repetição, o menos, é sempre mais. ■

 **Berta Waldman** é professora aposentada de Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora de literatura israelense e judaica da Universidade de São Paulo (USP). É autora do livro *Do vampiro ao cafajeste – uma leitura da obra de Dalton Trevisan*. Vive em São Paulo (SP).



INVISIBILIDADE

Ele mora aqui ao lado

O tradutor **Caetano Galindo**, vizinho de Dalton Trevisan, escreve sobre a invisibilidade do escritor, conhecido pela sua reclusão

O maior escritor do Brasil mora a poucas quadras da minha casa. Soa confortável dizer isso. Mas vamos reelaborar, por justiça prosaica, até. Que seja. Eu é que moro a poucas quadras do maior escritor do Brasil. Ponha-me, eu, no meu lugar. Soa ainda mais confortável.

Nós, paranaenses, nós, curitibanos, estamos mais do que acostumados a nos sentirmos periféricos, extra-jogo, descontáveis. Com tudo, reconheçamos, que possa haver também de bom nessa posição, nessa situação.

Se é verdade que temos que fazer muito mais barulho para garantir qualquer atenção, é fato também que contamos por vezes com um fator “passmo” que nos concede certas benesses.

Tipo “nossa, eles sabem fazer [...] preencha a contento...] lá naqueles mornamente vingancoso dizer com todos os foneminhas que, afinal, o maior escritor do Brasil mora aqui, a poucas quadras da minha casa. Assim como soa muito agradável

Ilustração:
Benett



lembrar que ele chegou aonde chegou, atingiu o que atingiu, construiu a obra que construiu e tudo mais, sem jamais:

1. jogar o jogo do capiau e se bandear de mala, cuia, ideologia, temática e modelos pro centro que o pudessem atrair.

2. jogar o jogo do capiau mala e celebrar alguma pretensa diferença ideológica, temática ou cuial que pudesse haver cá na quinta comarca.

O ufanismo e o deslumbre foram duas aves que jamais se empoleiraram no muro coberto de lascas de vidro (“cacos” são coisas aleatórias; nosso hematófago não faz nada que não de caso pensado) da casa do nosso escritor.

O homem cantou o rio da aldeia dele, o nosso rio (literalmente, né?), lembrando que ele era mais sujo e mais seu que qualquer outro e, assim, mais universal. Ele, que como todo homem de juízo é fã da frase de Terêncio que diz que a nós, humanos, nada do humano pode (deve) ser jamais estranho, olhou em volta, viu o caos, a decadência, viu o amor pequenininho e adoentado, viu tesão tão mirradinho ou mais parrudo, viu a dor, a violência, o pasmo, o encanto e mesquinhez de sermos eu, você e ele nós.

O maior escritor do Brasil solta um livro por ano. O maior escritor do Brasil tem uma obra de uma consistência e de um nível de qualidade que só se renovam e se só refinam.

Se Truman Capote tinha direito de cutucar Norman Mailer e Gore Vidal dizendo que eles podiam ser grandes, mas jamais haviam inventado um gênero, o que dizer de um escritor que inventou uma literatura? Que esperou décadas até que todos (todos?) entendessem que ele não estava escrevendo contos, não estava escrevendo livros?

Mas que ele estava escrevendo a obra de Dalton Trevisan, seu maior personagem, seu maior livro.

Cada conto pode até ser peça de um livro. Mas, como ele, cada livro é peça da obra, que continua, cada vez mais ativa. É necessário lê-lo todo. E isso é novo. E isso é imenso. E, camaradas, ele mora aqui do lado.

Mas, espera aí. Essa edição toda é em tributo ao seu Vampiro. Isso tudo será dito em todos os tons, por resenhistas muito mais sutis e finos que eu (e enquanto eu escrevia essa frase, soube que ele ganhou o prêmio Camões!). E o que tinham me pedido era um texto sobre essa “vizinhança”, sobre conviver nas pertitudes de Dalton Trevisan.

E cá vou eu na dele mais uma vez, insistindo que o conto há de ser maior, e mais interessante, que o contista?

Eu aqui de confábulos com o fabulante com que nunca nem fabulei direito, pra conspirar a favor da mania de escondidismo do autor?

Pois sabe que é mais ou menos bem isso?

Que, A, eu, se possível, não quero que uma pessoa a mais fique imaginando onde mora o Trevisan? (Ok, todo mundo meio que já sabe, mas mais abaixo fica meio claro porque eu acho importante esse teatro.)

Que, B, eu não tenho:

a. Cacife pra posar de “chegado” (Troquei meia dúzia de palavras com o homem, nas esquinas da vida, sempre, eu, trêmulo e bobo, feito um... feito um... vá lá: feito um fã de Dalton Trevisan falando com Dalton Trevisan!)

b. Interesse em posar de “chegado” (Eu sei que não foi isso que me pediram. Sei muito bem. Isso aqui sou eu brigando com as minhas neuras, noias minhas).

Que, três, eu acho a invisibilidade e a recolhidez de Trevisan uma

coisa lindamente refrescante e refrescantemente linda.

Na minha modesta opinião, o maior escritor americano vivo é Thomas Pynchon. Um “recluso” que vive no meio de Manhattan.

Na minha imodesta opinião, o maior escritor brasileiro mora a poucas quadras da minha casa. No meio de uma cidade grandota (*Nesta cidade do Rio* [Belém], / *De dois milhões de habitantes*, / *Estou sozinho no quarto*, / *Estou sozinho na América*). E eles, os dois, conseguem isso. Obtêm.

Porque a alta literatura, a literatura grande, ainda não é a televisão das celebridades. Porque a gente (eu, você e ele, que somos nós todos) ainda vive num mundo que SABE que o contista vale mais. Que respeita o desejo de um sujeito normal (certo, bisonhamente mais talentoso do que todo mundo, mas ainda assim, né?) ser ainda tratado e viver como um sujeito normal.

Eu tenho uma misturinha de vergonha e de orgulho dessas duas vezes em que parei o cavaleiro na rua e tremulei feito bandeira murcha pra dizer que era fã e pra perguntar uma coisa. Eu devia ter, sempre, deixado Trevisan ser Trevisan; devia ter, sempre, deixado Trevisan ser o Vampiro. É o que ele quer. E o meu trabalho é respeitar. Mas e o orgulho? Ai ai ai, coisa feia.

Mas tem orgulho. De saber, inclusive (por que te ufanas de teu contista, ó asno digitante!), que o maior escritor desse brasilzinho varonil mora aqui, a poucas quadras da minha casa, sobe a rua com saquinho de pão, e vez por outra almoça no mesmo restaurante, a poucas mesas distante de mim, me dando uma ligeira sensação de não morar nesta cidade, ou de morar numa cidade que subitamente deixou de ser a mesma; passou a ser o mundo. ■



Caetano Galindo nasceu em 1973 em Curitiba. Desde 1998 é professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Como tradutor, já verteu para o português obras de autores como Thomas Pynchon, Tom Stoppard e David Foster Wallace. Acaba de lançar nova tradução de *Ulysses*, de James Joyce. Vive em Curitiba (PR)

Curitiba revisitada

Revista iconoclasta editada pelo jovem Dalton Trevisan entre 1946 e 1948, a *Joaquim* rompeu com o provincianismo local e colocou Curitiba no debate literário nacional

DANIEL ZANELLA

A revista *Joaquim* é vista hoje não apenas por ter sido palco para as primeiras experimentações do escritor que Dalton Trevisan viria a se tornar, mas principalmente por ter colocado o Paraná no mapa das discussões literárias do Brasil dos anos 1940. A revista teve 21 edições e circulou entre abril de 1946 e dezembro de 1948.

Totem do provincianismo, Curitiba, à época, era uma capital com pouco mais de 120 mil habitantes, dominada pela cultura dos imigrantes que se estabeleceram na cidade na segunda metade do século XIX. O simbolismo francês dominava o cenário literário local, com Emiliano Pernetá fazendo frente aos poetas curitibanos e um tanto alheio às transformações culturais vindas principalmente de São Paulo, com os modernistas. Nesse contexto surge a revista *Joaquim*, que fez circular ideias mais arejadas, colo-

cou em xeque os cânones locais, contestou padrões e publicou a nata de escritores e artistas plásticos de seu tempo. Teve colaboradores do porte de Poty Lazzarotto, que seguiria sendo seu grande parceiro editorial nas décadas seguintes, Temístocles Linhares, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Wilson Martins, Guido Viaro, Otto Maria Carpeaux, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Sergio Milliet, Lêdo Ivo e Mario Pedrosa. Também publicou inéditos em português de Louis Aragon, Tristan Tzara, T.S. Elliot, Garcia Lorca, Rainer Maria Rilke, André Gide e Jean Paul Sartre.

Tomando como epígrafe a frase do poeta russo Maiakovski, “Eu me domo, o pé sobre a garganta de minha própria canção”, *Joaquim* abria a primeira edição propondo uma nova fronteira, em prol de uma literatura acima de limites geográficos, rompendo com todos os antecessores. “Por tudo, a literatura paranaense inicia agora”, dizia o provocativo editorial de abertura. Também se mostrava fundamental o slogan “Em homenagem a todos os Joaquins do Brasil”, estampado no cabeçalho da primeira página. O slogan, que a partir da segunda edição firmou “joaquins” em letras minúsculas, é representativo de um ideário: batizar a revista com um nome comum, próximo e universal, assim como os Joões e Marias que povoariam a futura obra de Trevisan.

Polêmicas

Não foram poucas as polêmicas



Capa da primeira edição da Revista Joaquim

ANO I — CURITIBA, ABRIL DE 1946 — N.º 1

MANIFESTO para não ser lido

Os versos são experiências e é preciso ter vivido muito para escrever um só verso.

RAINER MARIA RILKE

Deveria existir maior variedade de empreendimentos e experiências de que todos participassem. Não sendo assim, as influências que a alguns educam para senhores, educariam a outros para escravos. E a experiência de cada um das partes perde em significação quando não existe o livre entrelaçamento das várias atividades da vida. Uma separação entre a classe privilegiada e a classe submetida impede a endossagem da experiência. Os males que por essa causa afetam a classe superior são menos materiais e menos perceptíveis, mas igualmente reais. Sua cultura tende a tornar-se estéril, a voltar-se para se alimentar de si mesma; sua arte forma-se uma estelização espetacular e artificial; sua riqueza se transmuda em luxo; seus conhecimentos super-especializam-se; e seus modos e hábitos se tornam mais artificiais do que humanos.

JOHN DEWEY

O vivo interesse que em mim despertam os acontecimentos que se preparam e participam a situação da Rússia, me afasta das preocupações literárias. Certamente, acabo de reter ANDROMACA de Racine com indizível encanto, porém, no novo estado em que habita o meu pensamento, esses exquisitos jogos não terão mais razão para existir. Eu me repito a mim mesmo sem cessar que a época em que poderiam florescer a literatura e as artes já passou.

ANDRÉ GIDE

... eu me domo, o pé sobre a garganta de minha própria canção.

MAIAKOVSKI

... tãda a época moderna, desde o Renascimento, revela-se um período de decadência da cultura cristã e de transição para uma nova cultura, mal perceptível ainda em suas linhas gerais, e que poderíamos, qualquer que venha a ser a sua forma definitiva, (democracia social, nacional-socialismo, comunismo, Enciclicla Rerum Novarum, etc.) denominar cultura socialista.

... Estamos em chelo no período de aculturação, de desintegração cultural. Que se perdeu nesse contato entre a civilização cristã moribunda e a cultura em gestação que não sabemos ainda exatamente como será? Perdemos as regras da vida, a moral, a confiança em nós, a certeza da eficiência de nossas soluções. Que veio substituir isso tudo? A consciência da contradição entre a nossa moral e a realidade do mundo, a evidência da hipocrisia da regra do jogo, o ceticismo e o cinismo. A margem das duas culturas, observando o panorama da confusão, percebendo-o, mas ao mesmo tempo incapazes de alterar a marcha do terrível processo desintegrador e integrador, os homens marginais se desligam dia a dia mais de sua sociedade.

Observei a que ponto, ao atingir-se o período impressionista, a arte perdeu por completo, na forma e no espírito, a sua função comunicativa, a sua função de linguagem dentro do grupo. Mostrei que de meio utilitário de comunicação passou a exprimir apenas os sentimentos de sub-grupos, a posição marginal destes na sociedade. Essa função restrita, dia a dia menos universal, vai afastar ainda mais a arte de seu objetivo primeiro. Mesmo nos sub-grupos ela deixará de ser entendida por todos, ela passará pouco a pouco a instrumento de expressão individual, de nenhuma utilidade para os demais membros do

todo social. Observei também que na medida em que essa perda de representatividade se verifica, as preocupações técnicas aumentam, o desprezo pelo assunto se manifesta, e o pintor se isola dentro de limites impossíveis de se transpor pelos não iniciados.

... Talvez já nos encontremos em plena subida para o novo clima social... Tudo leva a crer que assim seja. O artista sensível, antes marginal, assume agora a liderança e fala numa nova linguagem que ainda não conhece gramáticas. Do México e dos Estados Unidos, da Espanha e da Rússia vêm-nos exemplos de um muralismo triunfante, perfeitamente funcional através do qual se dizem ao povo coisas importantes e de um modo acessível a qualquer sensibilidade e a qualquer educação. Coisas sobretudo que representam um sentir igual, uma ambição comum, preocupações e angústias coletivas. A pintura deixa de ser CHOCHET grã-fino dos salões mundanos e se transforma na rude afirmação de força construtiva, de fé numa nova moral e numa nova ciência. Enquanto os velhos estetas se desprendem da vida, os novos pintores recolocam a vida em sua arte. Já não se vislumbram entre os NOVOS aquele desdém SUPERIOR ao assunto, aquele desprezo infantil ao inteligível, aquela propensão para um estorismo barato de folhinha astrológica... Isso significa apenas volta ao princípio essencial da arte, à expressão.

SERGIO MILLIET

Os futuros historiadores chamarão, talvez, à nossa época: o SÉCULO DO SUB-CONCIENTE.

Reconhecemos no movimento histórico uma revolução perpétua, vagareza, sem barulho revolucionário, mas inelutável; reconhecemos que a dialética, instrumento de compreensão, é, ao mesmo tempo instrumento de ação; e chegamos à conclusão de Ernst Cysarz: HISTÓRIA E UM ATO PRÁTICO. Isto é o fio condutor para a compreensão da história contemporânea. O novo continente do sub-conciente, apesar da sua descoberta (ou redescoberta) recente, não pertence ao mundo de amanhã, mas ao mundo de ontem. Estou convencido de que a crítica literária reconhecerá no mundo literário de Joyce e Woolf não a aurora de uma nova literatura, mas o último produto, requintado e malgrado, de uma literatura muito velha... E esse reconhecimento literário produz conclusões transcendentais. A HISTÓRIA E UM ATO PRÁTICO. Acabamos de DESCOBRIR UM NOVO UNIVERSO; agora trata-se de dominá-lo. Quanto à literatura, novas transformações estilísticas estão a postos. E as transformações integrais do estilo literário têm sempre um sentido profundo.

OTTO MARIA CARPEAUX

Em verdade, eu tenho demoradamente refletido sobre o pedido de Griffin a respeito de uma EXPOSIÇÃO DE PRINCÍPIOS relativos a arte dos versos, etc. E pude tirar de minha consciência somente esta conclusão: Tudo é belo e bom quando é belo e bom, venha de onde vier e tenha sido obtido pelo processo que for. Clássicos, românticos, decadentes, símbolos, assonantes ou como direi? incompreensíveis, desde que eles me comovam ou simplesmente me encantem, mesmo e talvez sobretudo sem que, como o Dindon de Flaubert, eu não saiba bem por que, todos eles me são caros. Vamos, poetas que somos, amemo-nos uns aos outros, esta máxima é tão bela em arte como na moral, e eu creio que a ela nos devemos ater. Tal é a minha teoria, maduramente sentada.

PAUL VERLAINE

Manifesto da primeira edição da Revista Joaquim com citações de diversos autores.



EDIÇÕES JOAQUIM



Pedidos pelo Reembolso Postal (Cr\$30,00)

Revista de Livros

Recebemos e agradecemos:

— ETERNIDADE DA ROÇA, poesia de Marco Aurélio Moura Mattos. Cadernos "edúrico" — Horizonte, 1947;

— RIO DO BONO, poesia de José Godoy Garcia, bolsa de publicações "Hugo de Carvalho Ramo" — Cotia, 1948;

— ANJO NEGRO, teatro de Nelson Rodrigues, editores "O Cruzeiro" — Rio, 1948;

— CASTRO ALVES, monografia de José Fontes — Recife, 1948;

— VISO DE PAZ, poesia de Maria Isabel, ed. Agit — Rio, 1948;

REVISTAS DE NOVOS

Circulam no país, atualmente, além de JOAQUIM, as seguintes revistas de novos:

— ORFEU, no Rio, em seu 2º n.º, com redação à rua S. Luíz Gonzaga, 419;

— REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, em São Paulo, no seu 2º n.º, com redação à rua S. Bento, 68;

— CLÁ, em Fortaleza, no seu 2º n.º, com redação à Av. Rui Barbosa, 1332;

— QUIXOTE, em Porto Alegre, no seu 2º n.º, com redação à rua Hicshuelo, 1238;

— SUL, em Florianópolis, no seu 2º n.º, com redação à rua

seu 2º n.º, com redação à rua

Cora. Mafrá, 147;

— REGIÃO, no Recife, em seu 2º n.º, com redação à rua do Imperador, 227 — 1.º;

— REVISTA BRANCA, no Rio, em seu 1º n.º, com redação à rua Magalhães Castro, 239;

— CASCARINA, de Marques Rebelo e

bello; Mestre machadense do

com o Marques Rebelo é um con-

tador de histórias da gente dos

subúrbios, das penhas e das ruas

transversais. Foi o continuador

da obra de Manuel Antônio de

Almeida e Lima Barreto, espe-

cialmente nos seus livros toda uma

língua nos seus livros toda uma

sociedade típica do Rio de Janeiro da época atual. Se mesmo um gatroche carioca podia narrar, com tanta arte, a história da morena Oscarina, a história de Bratago, Edição "O Cruzeiro", e o segundo volume das obras completas de Marques Rebelo.

— SANTIAGO, William Pauliner, Ipê: O livro que, no fim de Malhada, é uma erupção de tragédia grega em histórias de detetives.

— O IOGUE E O COMISSÁRIO, Arthur Koestler, Ipê: Em um livro-espelho destinado a defender a posição política do autor, de dissidente da chamada "linha justa".

— ACS PES DO ARCANJO, Reges Veres, Ipê: Um belo romance de caráter espiritual, que nos conta a história de um casal parisiense na Bretanha.

Como sua primeira edição a Editora RAMPA, de S. Paulo, lançou um "Antologia Juvenil", organizada e traduzida por Carlos Britz e Jacó Gutnsburg, com notas bio-bibliográficas e exortações. A nova edição é dirigida por Carlos Britz, endereço: rua Vitoria, 333.

— CLÁ publicou um magnífico caderno de poemas "Os olhos", de Afonso Medeiros, novo do Ceará.

— ORFEU lançou, como sua primeira edição, O TUNEL, poemas de Afonso Félix de Sousa, um dos mestres de Goiás.

— NORDESTE promoverá o 1º Salão de Poesia do Recife, uma espécie de exposição de poemas no original e ilustrados.

— JOAQUIM patrocinará uma exposição de artes gráficas, em Curitiba.

— Foi acontecimento literário o I Congresso Paulista de Poesia, uma iniciativa da REVISTA BRASILEIRA DE POESIA.

— SUL e o Circulo de Arte Moderna representam, em Florianópolis, peças de Brantão, Shaw e Sartre.

— EDIFÍCIO já lançou arts cadernos de prosa e poesia, no seu programa de apresentação dos novos de Minas.

Remessa de livros: à redação de JOAQUIM.

Piloto é o maior prosador paranaense".

Na edição número seis, a *Gazeta do Povo* é novamente lembrada em um trecho da coluna do crítico Emanuel Coelho: "Que os paranaenses amantes da cultura visitem e analisem a arte de Edy Carolo, para que mais tarde não se arrependam de não ter adquirido um de seus quadros enquanto vivo..."

Este viés subversivo, expondo o ridículo do jornalismo cultural participativo da cena e sem critérios senão os do compadrio, é menos intenso depois das dez primeiras edições. É perceptível também que a *Joaquim*, gradativamente, foi abrindo cada vez mais espaço para a repercussão dos contos de Dalton Trevisan e a aceitação da crítica de seus livros recém-lançados (e futuramente renegados pelo autor, como é o caso de *Sonata ao Luar* e *7 anos de pastor*). As reações à revista (sempre positivas), estas sim, são refletidas desde a segunda edição, como se a validar o trabalho desenvolvido pela publicação.

Estética

Além de discutir os rumos culturais do Paraná, suplantando os símbolos locais e publicar o que de mais atual era produzido na literatura nacional e internacional, *Joaquim* também lançou profundas discussões sobre artes plásticas. Com espaço significativo dedicado às ilustrações, o periódico se aproveitava de uma técnica especial de zincogravura (gravura de metal em alto-relevo, adaptada diretamente ao clichê tipográfico) para harmonizar imagem com os blocos de texto, principalmente nas páginas de contos de Dalton Trevisan, usualmente ilustradas por Poty Lazzarotto. Colaboraram com o periódico alguns dos mais importantes artistas modernistas de seu tempo, como Euro Brandão, o próprio Guido Viaro, Esmeraldo Blasi Jr. e Gianfranco Bonfanti, além de Cândido Portinari e Di Ca-



Anúncio de 7 anos de pastor, livro renegado por Dalton Trevisan

vo Corção, a quem o periódico acusava de reacionário ("que nos nega o direito de sermos ateus, existencialistas ou indiferentes"), e ao famoso artista plástico norueguês radicado no Paraná Alfredo Andersen. Em contraposição à arte iconoclasta de Guido Viaro — colaborador assíduo da revista —, Andersen é considerado um totem sem razão de sê-lo. "Entre Andersen e Viaro, nós, os moços, preferimos os vivos, que criam a arte dos novos tempos", diz a crítica.

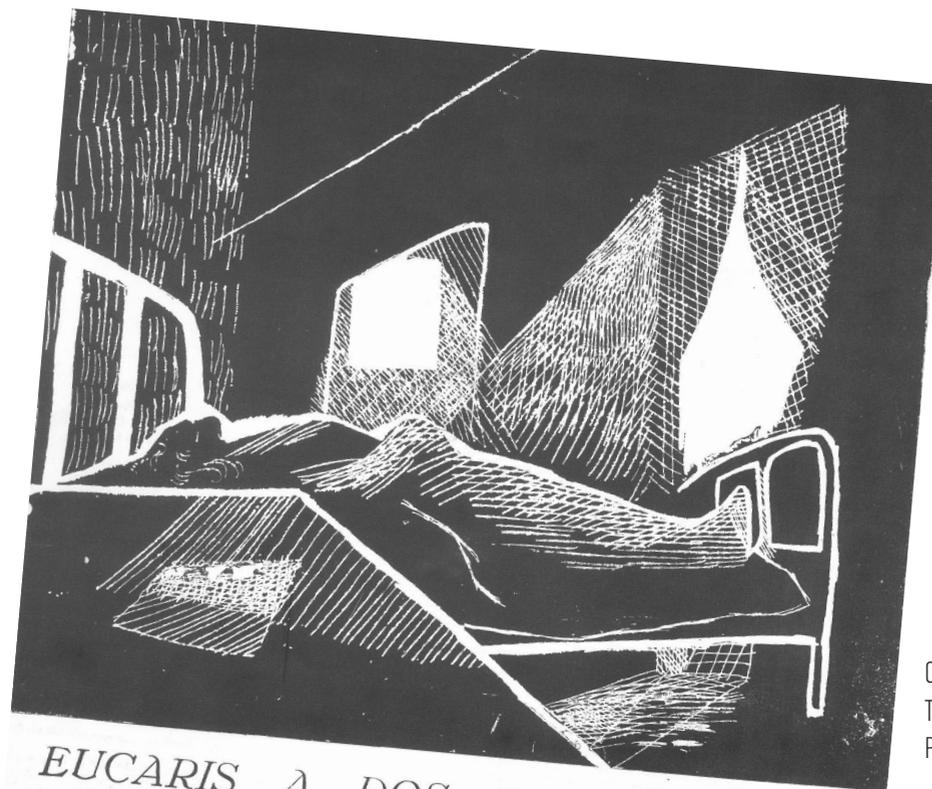
Outra iniciativa da *Joaquim* era a irônica e irreverente sessão denominada "Ah! as ideias da província", que replicava alguns trechos da crítica literária paranaense e claramente espezinhava a *haute culture* local. Logo na primeira edição, a *Gazeta do Povo* é notificada pelo jornalismo um tanto disparatado do colonista Barão de Cerro Azul: "O Sr. Valfrido

Na cidade do invisível Dalton Trevisan

ANTÔNIO TORRES

Esse ourives de palavras – um gênio minimalista – foge do assédio como o diabo da cruz. E nisso faz lembrar o finado Scott Fitzgerald, quando dizia que não podia suportar a visita de celtas, ingleses, políticos, estrangeiros, virginianos, lojistas, intermediários em geral, todos os escritores (evitava os escritores com o maior cuidado, porque eles podem perpetuar a agitação e o desassossego melhor do que ninguém) – e todas as classes como classes, a maioria delas pelos seus membros...

Antônio Torres nasceu no povoado de Junco (hoje Sático Dias), na Bahia, em 1940. É autor de romances como *Um cão uivando para a lua* (1972), *Essa terra* (1976) e *Meu querido canibal* (2000). Vive em Itaipava (RJ).



Conto de Dalton Trevisan ilustrado por Poty Lazarotto

EUCARIS A DOS OLHOS DOCES

O corvo, de negras asas abertas voou para o fundo da noite, à soleira da porta, de calças curtas e os joelhos sujos de ra, ele pediu:

— COLVO, ME LEVE...

Porém o corvo negro não quis levá-lo para o fundo da noite, ele dormia o corpo frio de Eucarís; ela era pequena, delicadinha, e passeavam de mãos dadas à porta da casa dela.

— OI LÁ UMA ESTRELINHA!

— NÃO APONTE, BOBO, NASCE VERRUGA NO DEDO...

U! que medo... Esta palavra verruga, que sobe à tona das ías, é áspera na garganta, imunda ao olfato e obscena que nem boneco desenhado no muro. Bo-bo, ver-ru-ga, e detrás das sí-las, como de uma porta que se abre, apareceu aos seus olhos a piscando.

— EUCARIS...

— QUE É, BOBO?

Tão indiferente, aí que dói no coração! distante assim uma nha distribuindo pão entre a plebe, miraculosa rainha, mas sem

— VOCE E MINHA NAMORADA?

Disse, e fugiu, correndo de calças curtas entre as sombras de rias, ainda, o bilhete criminoso escrito com mão suja de seles pe- as merlhas: MEU BEM EU GOSTO DE VOSSE OUVIU VOSSE

— RESPONDA OUVIU UM BEIJINHO DO LUIZ CARLOS S. S REIS. E o medo, que era pegajosa aranha peluda a correr

debaixo de sua camisa em xadrês azul, aquilo sim era camisa!; ali em frente ao pai dela. Gordo, um ventre de balão e vermelhaço a cofiar as guias dos bigodes, como se lia no Terceiro Livro de Leitura.

— ENTÃO, SEU MOÇO, COM QUANTOS BANDIDOS JA' LI- QUIDOU?

Velho bobo, e de que adiantou ter rezado, baixinho e em se- gredo, 7 Avenárias e 10 Padrenossos para que ela não morresse de tite e os seus olhos doces, de nova, fossem as duas estrelas tímidas onde os seus olhos se refletiam, como um lago encantado?

Ficou, de pupilas paradas, a ver uma borboleta invisível no ar; era também uma forma de pensar nela — onde Eucarís estava? Súbito, a agulhada funda no peito ai!, fê-lo levar a mão pesada ao cora- ção; esta dor como é bem-vinda! Luiz Carlos S. dos Reis sabe que já vai morrer, a vida sem Eucarís, deixá-la ir a vida, ouviu? Pois, era no dia da primeira comunhão, sentou-se ao seu lado, ela, com os fúndos olhos doces, as brancas faces pálidas, de mãos postas — assim um anjo de asa partida.

Vozes celestes, flebeis queixumes de harpas sonoras, penum- bra o lenta desce do teto da nave, e ele viu, então, um serafim de braços abertos voar sobre a loira cabeça infantil de Eucarís rezando. Ungiu-se aos deuses da mesma fé e paixão, oh! alma cândida banha- da em águas cristalinas de inocência, leve corpo frágil enfim salvo do Pecado Original. Um adorável ruber tingiu as faces de Eucarís

Conto de DALTON TREVISAN

Ilustração de POTY

valcanti, este último ilustrador da capa da décima sétima edição.

“O trabalho gráfico era todo conduzido por ele. Era dado muito valor às ilustrações, houve até mesmo uma edição dedicada especialmente aos ilustradores [edição 19]. Entre texto e imagem há um diálogo bastante cerrado. Para alguns textos, há ilustrações que chegavam a ocupar a maior parte da página, e isso gerava um respiro em relação ao texto. Havia uma busca consciente por um tipo de equilíbrio gráfi-

co, de forma a tornar a revista sempre interessante para o leitor. Isso funciona, tanto que a revista é boa de ler até hoje”, afirma Fabrício Vaz Nunes, autor da tese *Relações entre literatura e artes gráficas na revista Joaquim*, de 2010, em que analisa o caráter vanguardista do periódico de Trevisan.

As ambições gráficas são apon- tadas pelo estudioso como inovadoras e essenciais para o entendimento do projeto literário de Dalton Trevisan, sempre comprometido com o desconfor-

to em suas narrativas. “O diálogo entre texto e imagem era inovador, principalmente no que se refere à lingua- gem, tanto a linguagem textual quanto a linguagem visual. Os ilustradores da revista empregaram um estilo voltado para o expressionismo, no que o uso da zincografia também contribuiu muito. Como Poty mesmo afirmava, os perso- nagens do Dalton têm algo a ver com a técnica da ponta-seca, com muitas tonalidades e camadas, e as gravuras cap- tavam essa característica mordaz e algo

incômoda da literatura dele. A *Joaquim* expandia essa relação”, explica Nunes.

Onde encontrar

Em 2000, a Imprensa Oficial do Paraná imprimiu uma edição fac-símile, de dois mil exemplares, resgatando o legado artístico de *Joaquim*. Na Di- visão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, é possível encontrar a íntegra do material, es- sencial para a compreensão da trajetória cultural do Estado. ■

Cidade de Dalton



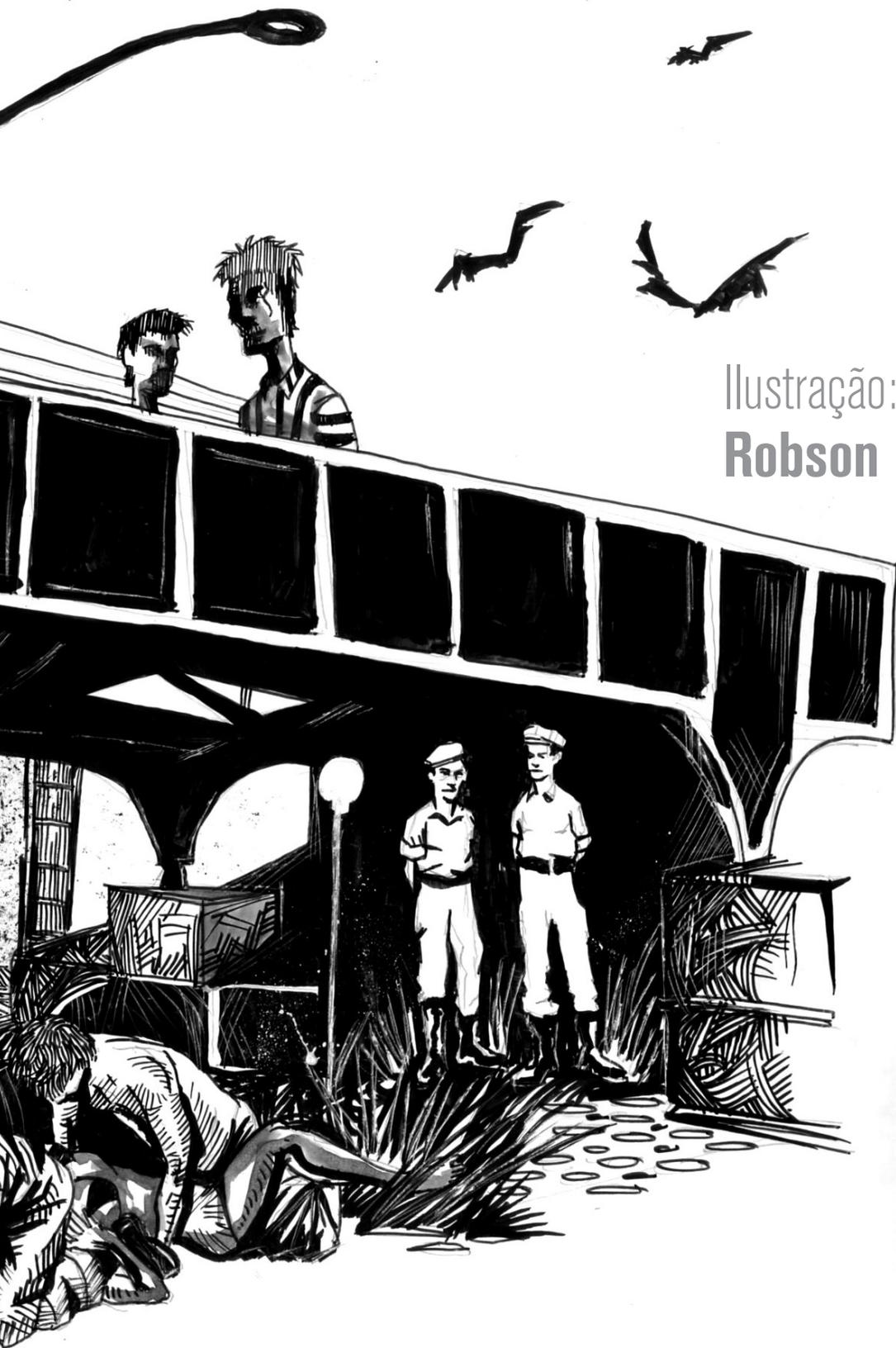


Ilustração:
Robson Vilalba

ROBERTO MUGGIATI

Quando Dalton escreve suas primeiras ficções, Curitiba tem cerca de umas míseras 150 mil almas. A Curitiba inicial de Dalton podia ser atravessada a pé e, no raio de um quilômetro a partir do centro, as ruas pavimentadas se transformavam em caminhos lamacentos. Passadas sete décadas, a região metropolitana da cidade cresceu para mais de três milhões, com seus 26 municípios que, numa visão daltesca, se assemelhariam a 26 pragas bíblicas do inchaço urbano. Dalton Trevisan continuou escrevendo sobre Curitiba — já são mais de cinquenta livros —, contando aquelas historinhas enganosamente simples de João e Maria. Mas, com um faro de repórter, ele soube acompanhar as transformações da cidade, registrando toda a loucura da periferia, com seus viciados em crack e suas meninas da vida, anti-heróis e anti-heroínas esmagados entre a truculência policial e a violência do tráfico.

Antes de embarcar na sua saga curitibana, Dalton descreveu em pequenas crônicas o cenário eleito. Um texto-chave é *Em busca de Curitiba perdida*, trabalhado por Dalton ao longo de 46 anos, da versão inicial *Minha cidade* (Revista *Joaquim*, 1946) à final, no livro de 1992, *Em busca de Curitiba perdida*, passando pelas versões de 1953 (*Guia Histórico de Curitiba*, cordel do autor) e de 1968, no livro *Mistérios de Curitiba*. Em tom de manifesto, ele escreve:

“Curitiba que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo. Curitiba, onde o céu azul não é azul. Curitiba que viajo. Não a Curitiba para inglês ver, Curitiba me viaja. Curitiba cedo chegam as carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça — gali-nha-óóóvos — não é a protofonia do *Guarani*? Um aluno de avental branco discursa para a estátua do Tiradentes.”

E enumera marcos da sua odisseia urbana: os conquistadores na esquina da

Escola Normal, os bailes da Sociedade Operária, os Chás de Engenharia (“onde as donzelas aprendem de tudo, menos a tomar chá”), as ruas de barro com mil e uma janelas e seus gatinhos brancos de fita encarnada no pescoço, a zona da Estação, a sociedade secreta dos Tulipas Negras, o Templo das Musas com os versos dourados de Pitágoras, o expresso de Xangai que apita na estação, o Pavilhão Carlos Gomes, as pensões familiares de estudantes, o relógio na Praça Osório que marca implacável seis horas em ponto, os sinos da Igreja dos Polacos, o bebedouro na pracinha da Ordem, o cachorro-quente com chope duplo no Buraco do Tatu.

Um de seus fetiches é “a Ponte Preta da estação, a única ponte da cidade, sem rio por baixo.” Será ela o cenário do conto “Debaixo da Ponte Preta”, no livro *O Vampiro de Curitiba* (1965), uma fina paródia do filme japonês *Rashomon*:

“Na noite de vinte e três de junho, Ritinha da Luz, com dezesseis anos, solteira, prenda doméstica, ao sair do emprego, dirigiu-se à casa de sua irmã Julietta, atrás da Ponte Preta. Na linha do trem foi atacada por quatro ou cinco indivíduos, aos quais se reuniram mais dois. Então violada por um de cada vez e abandonada entre as moitas. Seu choro atraiu um guarda-civil, que a conduziu até a delegacia.”

É um garçom do Buraco do Tatu o triste protagonista de *O senhor meu marido* (*A guerra conjugal*, 1969), o João que morava com sua Maria num barraco de duas peças no Juvevê. Outro belo exemplo da técnica narrativa enxuta de Dalton:

“Garçom do Buraco do Tatu, trabalhava até horas mortas; uma noite voltou mais cedo, as duas filhas sozinhas, a menor com febre. João trouxe água com açúcar e, assim que ela dormiu, foi espreitar na esquina. Maria chegava abraçada a outro homem, despedia-se com beijo na boca. Investiu furioso, correu o

amante. De joelho a mulher anunciou o fruto do ventre.”

Nem o relógio de sol da Farmácia Stellfeld, de 1857, ainda ativo na Praça Tiradentes, escapa à sua sanha ficcional. No conto “Prova de redação”, do livro *Macho não ganha flor* (Record, 2006), ele participa de uma cena erótica entre um escritor velho-babão e uma lolita com uniforme de normalista:

“De repente o doutor me empurra (eu? ela?) de cara contra a parede. Ergue a saia e bota o Ponteiro do Relógio de Sol (tem um lá na Praça Tiradentes, isso que é falar bonito!) dentro da calcinha entre as bochechas (ai, lindas bochechas minhas, bem redondas, assim empinadas).”

Dois parágrafos antes, “o doutor exibe o que chama de Memorial de Curitiba, com troféus e escudos pendurados...”, outra alusão fálica a um marco do centro histórico.

A cartografia daltoniana não tem fim. Os rios Ivo e Belém — como o Tigre e o Eufrates da Antiguidade — abarcam uma mesopotâmia contemporânea, com seus dramas e desejos. Eles são citados em várias passagens, como no *Cemitério de elefantes* (1964): “À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixes, ergue-se o velho ingazeiro — ali os bêbados são felizes.[...] Lá do sulfuroso Barigui rasteja um elefante moribundo”. Um conto de *Crimes de paixão* (1978), intitula-se “Dá uivos, ó porta, grita, ó rio Belém”. A hidrografia curitibana, meros fiapos de água poluída, é cantada também em “Lamentações de Curitiba” (1968): “Ó lambari de rabo vermelho do rio Ivo, passou o tempo assinalado [...]

O microcontista que quer ser Dalton Trevisan

MARCELINO FREIRE

Dalton é grande, é imenso.

Palavras minhas é que são assim, pequenas.

Tão poucas, que não poderiam resumir, neste humilde espaço, a genialidade deste escritor. Meu, de cabeceira, faz tempo.

Um dos primeiros autores que li e que me influenciaram, ainda adolescente, quando eu morava no Recife.

Perguntava-me, àquela época: e podemos escrever assim, curto?

Dalton escrevia.

Hoje, bem sei, descobro: Dalton escreve, na verdade, longo, perpétuo, denso. Seus personagens demoram em nosso pensamento. São assombrosas sombras assustadoras.

Uma vez, em artigo na *Folha de S. Paulo*, afirmei: Dalton Trevisan, meus caros, não escreve rápido, não escreve na velocidade da luz. Escreve, sim, é bom que se diga: na velocidade da sombra. Os ambientes que ele cria como ninguém. A prece profana, a ladainha sacana de seus personagens. Profundamente humanos.

Dalton é um patrimônio da humanidade.

De Curitiba estende ao Brasil e ao mundo a sua linguagem — concisa, na medida, desmedida. Não tem quem segure o Dalton. Não tem quem agarre. É autor sempre em fuga — da mesmice. Da caretice que impera, por exemplo, na nossa vidinha literária.

Aprendo (e apreendo) sempre com o mestre.

Todo livro que ele escreve, estou eu lá, a acompanhar o que ele veio desta vez aprontar: ora poeta, ora, até, rapper. Podem observar: como os ouvidos (e os parágrafos) do Dalton estão sempiternamente abertos aos novos sons e gestos da rua. Inquieto e eterno em sua escritura. Viva! E sem tamanho.

Dalton é alto. É gigante.

O que não impede, no entanto, que eu venha, aqui, publicamente beijar os seus pés.

E dizer, a quem quiser saber: microcontista que eu sou, como quero ser Dalton Trevisan quando eu crescer!



Marcelino Freire é escritor. Autor, entre outros, de *Contos Negreiros* e de *Amar é crime*. Vive em São Paulo (SP).

“A Curitiba de Dalton é uma cidade imaginária, tão fictícia como a Macondo de García Márquez ou o condado de Yoknapatawpha de William Faulkner.”

No rio Belém serão tantos afogados que a cabeça de um encostará nos pés de outro, e onde a cachaça para mil e um velórios? [...] O rio Barigui se tingirá de vermelho mais que o Eufrates.”

A Curitiba de Dalton é uma cidade imaginária, tão fictícia como a Macondo de García Márquez ou o condado de Yoknapatawpha de William Faulkner. Mas ele a mantém sob uma capa pseudo-realista, com os mesmos contornos da Curitiba real. Faz mais ou menos como Joyce, que abandonou Dublin em 1904, mas passou o resto da vida escrevendo sobre a cidade, sua paisagem e seus tipos. Com uma diferença: não se sabe quando Dalton abandonou Curitiba ou se chegou sequer a morar algum dia nela. Apesar de residente na cidade, ele sempre foi um *étranger* (Camus), um *outsider* (Colin Wilson), o autodenominado Vampiro, espreitando a vida de seus conterrâneos escondido nas sombras.

Mantivemos, Dalton e eu, no final dos anos 1950, um salutar Atletiba literário — Joyce versus Salinger. Joyceano roxo, Dalton via em Salinger certa religiosidade mística que não lhe agradava. Igualmente ateu, eu contra-argumentava que o Zen de Salinger nada tinha de religioso, era mais uma postura filosófica diante da vida. Eis que, no conto “Marishka”, do recente *Desgracida* (Record, 2010), Dalton homenageia Salinger no final da enumeração dos encantos da moça, ao melhor estilo da letra de “You’re The Top”, do Cole Porter:

“Marishka transcende o tempo. É um diálogo de Platão, broinha de fubá mimoso, um poema de Rilke, o coração da alcachofra, girassol de Van Gogh, o cantiquinho da corruíra, um conto de Tchecov, o som de uma só mão que bate palmas.”

O som de uma só mão batendo palmas, uma charada Zen, é a epígrafe das *Nove histórias*, de Salinger. Além da lendária reclusão de Salinger, Dalton tem

“ Mantivemos, Dalton e eu, no final dos anos 1950, um salutar Atletiba literário — Joyce versus Salinger. Joyceano roxo, Dalton via em Salinger certa religiosidade mística que não lhe agradava.”

em comum com ele o sacerdócio da escrita. “Quem me dera o estilo do suicida em seu último bilhete,” escreveu o curitibano. Salinger afirmou certa vez que “a escrita como arte é a experiência magnificada.” Muito discretamente, Dalton faz também da sua vida matéria-prima para seus textos. A agressão dos decibéis de uma igreja “moderninha” em frente de sua casa, com os cultos embalados a *heavy* metal, foi exorcizada em “Lamentações da Rua Ubaldino”:

“No princípio era o silêncio na Rua Ubaldino
eis que o número 666 da Igreja Central Irmãos Cenobitas
ergueu cartazes anunciando sinais e prodígios
não a flauta doce e harpa eólia para louvar o Senhor
mas a caixa de ressonância da buzina do Juízo Final
e o amplificador dos agudos desafinados de Gog e Magog
além da mão esquerda não saber o que faz a direita
as duas juntas rompem no batuque iconoclasta do bombo
nunca tal se viu na Rua Ubaldino de hospital escola gente calada.”

Dalton chega a ser despididamente autobiográfico em “Quem tem medo de vampiro?”:

“Há que de anos escreve ele o mesmo conto? Com pequenas variações, sempre o único João, a mesma bendita Maria. Peru bêbado que, no círculo de giz, repete sem arte nem graça os passinhos iguais. Falta-lhe imaginação até para mudar o nome dos personagens. Aqui o eterno João: ‘Conhece que está morta.’ Ali a famosa Maria: ‘Você me paga, bandido.’”

Não importam as críticas e a cáustica autocrítica. Os adeptos do Vampiro de Curitiba continuarão sorvendo seus contos — celeremente, antes que coagulem —, alimentando-se de suas histórias, recebendo seus relatos como sacralizadas bênçãos e heréticas indulgências plenárias, iniciadas pela invocação *Urbi et Orbi*, entronizando Curitiba como a eterna Roma dos Joões e Marias famélicos da terra, deserdados do mundo. ■

 **Roberto Muggiati** nasceu em Curitiba e é jornalista desde 1954. Trabalhou na BBC de Londres nos anos 1960 e foi editor das revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*. Publicou diversos livros, entre eles *Rock: o grito e o mito* e o romance *A contorcionista mongol*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Iliada doméstica

Renovador do conto brasileiro, Dalton Trevisan é dono de uma trajetória literária de mais de 50 anos

GUILHERME MAGALHÃES

Em 1945, enquanto as últimas bombas dos Aliados subjagam a Alemanha nazista e a guerra na Europa aproxima-se do fim, uma outra explosão, essa bem mais próxima, sacudiu os arredores da Rua Emiliano Perнета, em Curitiba, mais precisamente o número 476. Em 11 de março de 1945, uma caldeira da fábrica de vidros e cerâmicas Trevisan explode. Entre os feridos, o filho do dono da fábrica e consultor jurídico da empresa, Dalton Jérson Trevisan, na época com 20 anos e estudante de Direito na Universidade Federal do Paraná. Mais do que os trinta dias passados no hospital em decorrência do crânio fraturado, o acidente rendera a Trevisan uma mudança de perspectiva. Como o próprio autor certa vez confidenciou, “alinascia o escritor”.

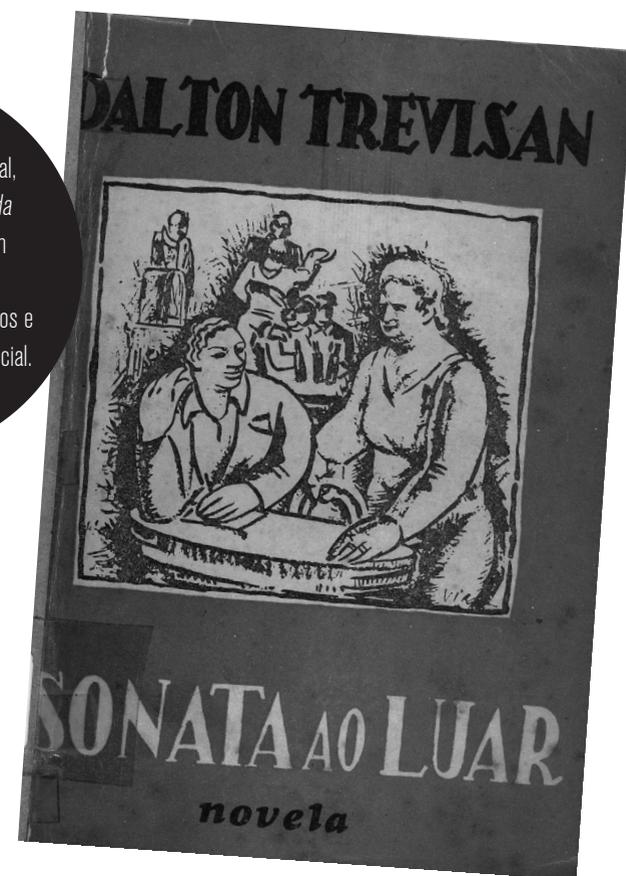
O autor, então, lança seu primeiro livro naquele mesmo ano, a novela *Sonata ao luar*, que juntamente com os contos de *Sete anos de pastor* (1946), seriam mais tarde renegados por Dalton e excluídos de qualquer bibliografia oficial do contista. Hoje, de fato, esmaecem à sombra de suas obras posteriores — e superiores.

Dalton, desde cedo, demonstrava apego às letras. Durante a adolescência, aos 15 anos, em 1940, fundou a revista *Tingui*. A revista circulou até 1943, ano em que Dalton é aprovado no ves-

tibular de Direito da UFPR. Ele ainda trabalharia no jornal *Diário do Paraná*, como repórter policial e crítico de cinema. Nunca exerceu de fato a advocacia e, após o acidente na fábrica, passou a se dedicar mais e mais à literatura, editando a revista *Joaquim* e escrevendo contos e novelas. No início, em cadernos de cordel, com edição limitada de 200 exemplares, que enviava gratuitamente para escritores e amigos.

Reunindo contos e novelas, escritos ao longo de quase duas décadas de produção literária, *Novelas nada exemplares* é lançado em 1959 pela José Olympio, casa editorial dos grandes nomes da literatura da época, fato que prenunciava a estatura que Dalton Trevisan iria alcançar na literatura brasileira do século XX. O livro despertou a atenção do crítico li-

Antes de sua estreia nacional, em 1959, com *Novelas nada exemplares*, Dalton Trevisan escreveu dois livros, que posteriormente foram renegados e banidos de sua bibliografia oficial.

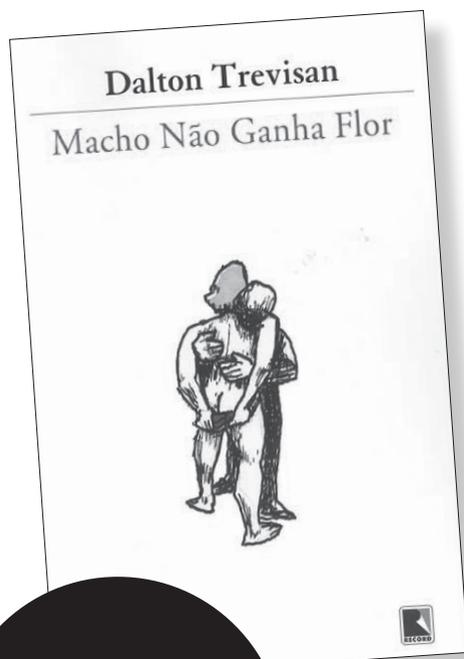


“ O próprio fato de Carpeaux despencar em cima do estreante todo o peso de seu laboratório crítico já revelava alguma coisa”, Carlos Heitor Cony, no texto de orelha de *Novelas nada exemplares*.

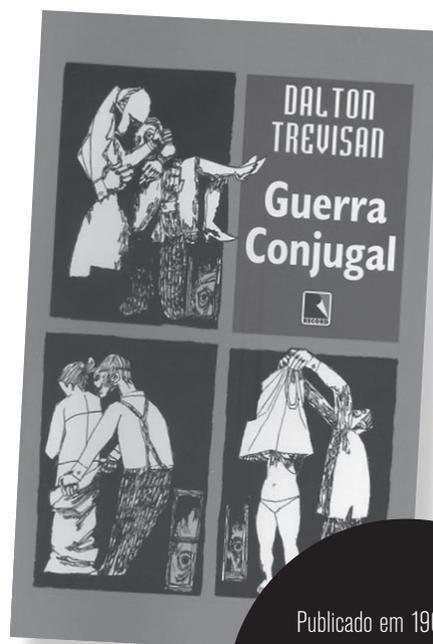
terário Otto Maria Carpeaux, mas não de maneira muito positiva. Porém, como o escritor e jornalista Carlos Heitor Cony bem escreve na orelha de *Novelas*, “o próprio fato de Carpeaux despencar em cima do estreante todo o peso de seu laboratório crítico já revelava alguma coisa”. Dalton nunca perdoou Carpeaux, referindo-se ao crítico sempre como “o gago”.

Vampiro descoberto

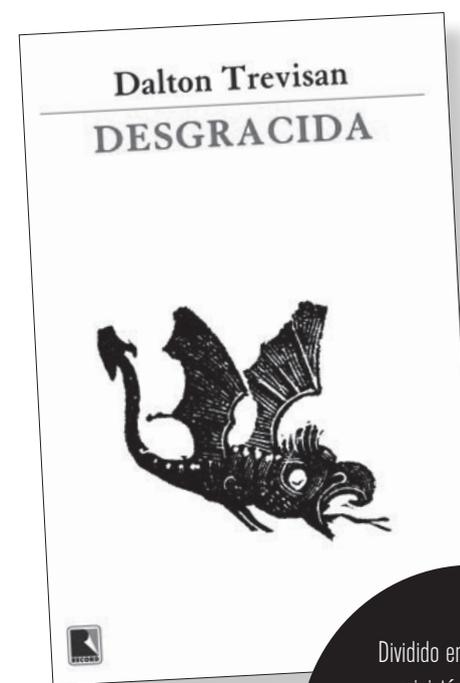
Em 1968 Trevisan vence o “I Concurso Nacional de Contos”, realizado pela Fundepar, órgão do governo do Estado do Paraná. Não foi o primeiro prêmio do contista, que em sua estreia oficial, com o já citado *Novelas nada exemplares*, levou o Jabuti de 1960. *Cemitério de elefantes* vence o mesmo prêmio na edição de



Coletânea com 22 contos inéditos, lançada em 2006, *Macho não ganha flor* foi adaptada para os palcos pelo diretor João Luiz Fiani.



Publicado em 1968, *Guerra conjugal* ganhou uma bem-sucedida adaptação para o cinema pelas mãos de Joaquim Pedro de Andrade, em 1975.



Dividido em duas partes – ministórias inéditas e cartas para os amigos – *Desgracida* rendeu a Dalton Trevisan o mais recente de seus quatro prêmios Jabuti.

1965. Mas é com a vitória no “I Concurso Nacional de Contos” que Dalton Trevisan ganha grande visibilidade no cenário literário nacional. A qualidade de sua linguagem, marcada pela elipse e precisão, foi, cada vez mais, reconhecida pela crítica ao longo das últimas cinco décadas. Dalton venceu quatro vezes o Prêmio Jabuti, todos na categoria “Contos/Crônicas”. Além de *Novelas* e *Cemitério*, seu *Ah, é?* levou em 1995 e *Desgracida* em 2011.

Logo na primeira edição do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, em 2003, lá está Dalton Trevisan entre os vencedores, com *Pico na veia*, mais uma coletânea de curtas e secas espiadelas na vida mesquinha da urbe. *Macho não ganha flor* vence a mesma categoria na edição 2008 do prêmio. Sistemáticamente traduzida para o inglês e,

curiosamente, para o holandês, a obra do escritor acumulou críticas positivas de periódicos como *The New York Times*, *Boston Globe* e *Los Angeles Times*. Agora, em 2012, a *ilíada doméstica* — termo cunhado pelo próprio autor para descrever o dia a dia das suas personagens — é mais uma vez reverenciada, desta vez com o prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa.

Reescrita rigorosa

O escritor catarinense radicado em Curitiba Paulo Venturelli, não conhece os dois livros anteriores a *Novelas nada exemplares* que foram renegados pelo Vampiro, mas vê com normalidade o fato de Dalton ter renegado seus primeiros passos na literatura. “É sinal de amadurecimento. Tais obras são do tempo em que ele ainda

“ O talento mais extraordinário de Dalton Trevisan é o de descobrir o viés sórdido na ação mais corriqueira, isto é, revelá-lo na mesma área semântica do pitoresco, do típico e do doméstico”

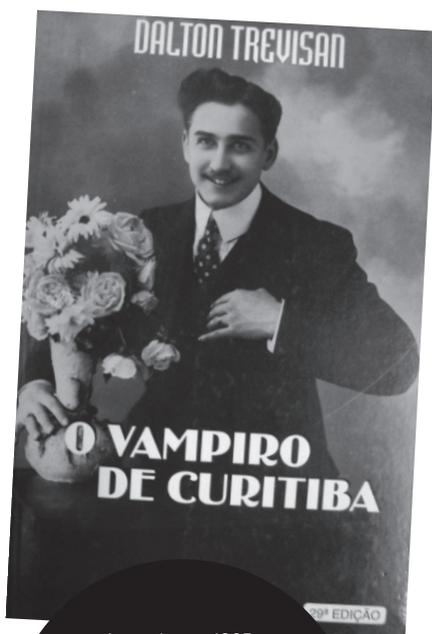
Alcir Pécora, crítico literário.

não encontrara sua voz, sua senda. Assim que estas são encontradas, ele cerra fileira com elas e joga o resto para o esquecimento. E este é um óbvio sinal de muito critério”, defende Venturelli, que é professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Para ele, isso está em falta na literatura atual. “Há

muitos textos flácidos, gordurosos, que não deveriam ter saído da gaveta ou do computador. Dalton Trevisan espreme até a última gota para depois espremer mais uma vez”, diz.

A insatisfação do autor com seu texto é uma das marcas de sua obra, com o constante aprimoramento dos contos.

CAMINHO LITERÁRIO



Lançado em 1965, *O vampiro de Curitiba* é a obra mais conhecida de Trevisan. A tradução para o inglês lhe rendeu críticas acaloradas na imprensa americana.

Sempre há maneiras de se deixar a linguagem mais concisa. O próprio Dalton Trevisan já afirmou certa vez que “seu caminho será do conto para o soneto para o haicai”. O crítico Alcir Pécora destaca o extraordinário nível de acabamento da obra do contista curitibano. “Não há palavra, não há vírgula até que não esteja num lugar preciso. Desse ponto de vista, não é o inacabado, mas o superacabado que parece suscitar a reescritura. Como se a perfeição atingisse certo ponto de saturação e depois precisasse ser ferida, desarranjada, e então ser novamente buscada, numa nova situação, aparentemente desfavorável”, aponta Pécora.

Obras recentes do contista, como *Desgraciada* (2010) e *O anão e a ninfeta* (2011), confirmam que o haicai já não está tão longe. O uso das reticências e das interrogações como resposta das personagens toma conta das já quase “pílulas do cotidiano”, reduzidas em tamanho, mas nunca na acidez de denunciar a degradação dos Joões e Marias.

Voz própria

Alcir Pécora cita o recente conto “Violetas e pavões”, no qual Dalton escreve que a “verdade não adianta”. Ela não tem uso, pois é sempre escorregadia. “O talento mais extraordinário de Dalton Trevisan é o de descobrir o viés sórdido na ação mais corriqueira, isto é, revelá-lo na mesma área semântica do pitoresco, do típico e do doméstico”, explica.

A singular voz literária do escritor talvez só tenha encontrado paralelo em outro grande contista, o russo Antón Tchekhov, uma das grandes paixões literárias do Vampiro. “Insistindo, porém, nessa questão de influências, diria que o fundo da literatura de Dalton Trevisan tem um impulso decadentista, perverso, muitas vezes associado a taras e neuroses, que remonta historicamente tanto a naturalistas como a simbolistas e parnasianos”, arrisca Pécora. Quanto aos prováveis sucessores, o professor Paulo Ven-

turelli não hesita. “Acho que só ao longo de décadas é que isto estará evidenciado, mas não reconheço, pelo menos, nenhum escritor aqui que possa ser filiado à vertente que Dalton Trevisan criou.”

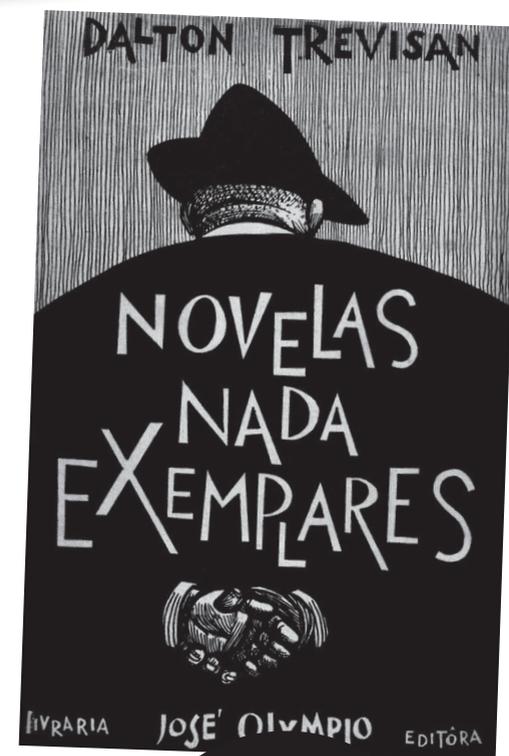
Trevisan nunca teorizou sobre a própria obra, mas defendeu a publicação de teses sobre seu trabalho, como *Do vampiro ao cafajeste*, de Berta Waldman, que assina ensaio sobre o escritor nesta edição do *Cândido*.

Contista por excelência

Em uma de suas raras entrevistas, concedida ao jornalista Luiz Vilela, no *Jornal da Tarde*, em 1968, Dalton Trevisan proclamou o conto como gênero literário da atualidade. Nas suas palavras, “o romance é um gênero decadente”. Esse pensamento se reflete na carreira literária do Vampiro, que conta com apenas um romance, que mantém o estilo fragmentado e elíptico de seus contos. Lançado em 1985, *A polaquinha* não abandona a linguagem econômica do contista, e nos apresenta um dos grandes personagens da



Tendo lançado quase duas dezenas de livros de contos, em 1985 Trevisan publica seu primeiro e único romance, *A polaquinha*. O jornalista e escritor Otto Lara Resende classificou o livro como “inesquecível”.



O título do livro de estreia de Dalton Trevisan faz referência a *Novelas exemplares*, do espanhol Miguel de Cervantes.



Pico na veia venceu a primeira edição do Prêmio Portugal Telecom em 2003, junto com o romance de Bernardo Carvalho, *Nove noites*.

trajetória do escritor. A menina pobre em sua jornada de descoberta do mundo masculino, em toda sua mediocridade e erotismo.

“Muitas linguagens, estilos e vozes entram na composição do romance. Sua arquitetura é mais larga, exige digressões, psicologia, detalhamento do cenário. Se Dalton se metesse nesta seara, perderia o impacto de sua concisão, o martelar numa única voz obsessiva que remexe com nossas entranhas”, argumenta Venturelli. Segundo o professor da UFPR, a intenção do contista é nos perturbar com o mundinho reles no qual os personagens seguem a compulsão sexual.

Alcir Pécora lembra que as personagens de Dalton são planas, sem alteração de caráter ao longo da trama. A graça está na identificação imediata, não no seu desenvolvimento. “Nada disso seria aconselhável num romance”, opina o crítico. Por falar em personagens, os tipos que permeiam a obra do Vampiro se repetem na comédia humana que é a vida urbana. Ele denuncia a sociedade em que vivemos na voz daqueles situados nos níveis mais baixos da pirâmide social. E a repetição de Curitiba como espaço para a ação de suas aventuras sexuais e casos do cotidiano nada tem de negativo, pelo contrário. A Curitiba de Dalton Trevisan poderia ser qualquer outra, sem caráter, provinciana, abrigo de vidas mesquinhas. Pécora acredita que o Vampiro poderia ser criado em qualquer grande cidade desalmada, na qual a vida humana acaba por se depositar, aglomerar e permanecer, sabe-se lá por quê. ■



O MITO

Dalton Trevisan não só criou uma literatura extraordinária, mas também vários mitos em torno de sua figura. O mais conhecido deles se refere à sua reclusão, que o autor nunca fez questão de explicar e, quando o fez, foi de forma breve, como a maioria de seus contos: “Eu não sou assunto, o autor nunca é assunto. Notícia é sua obra, ela pode ser discutida, interpretada, contestada.” O escritor paranaense faz parte da pequena confraria de autores que não aparecem em público, não dão entrevistas e fogem de fotografias. Compartilham dessa aversão ao público e à imprensa escritores igualmente célebres, como J.D. Salinger, um dos autores caros a Trevisan; o também americano Thomas Pynchon; e os brasileiros Rubem Fonseca e Raduan Nassar, este último tendo “desistido” da literatura após três livros. Assim como Salinger, autor do célebre romance *O apanhador no campo de centeio*, poucas fotos de Dalton Trevisan são conhecidas hoje. Esse traço da personalidade de Dalton Trevisan e de outros reclusos, além de matérias na imprensa, sempre funcionaram como um tempero a mais para os leitores e fãs, que sentem-se instigados pela invisibilidade dos escritores. Todo e qualquer contato de Dalton Trevisan com sua editora, a Record, se faz por meio da Livraria do Chain, a duas quadras de sua casa. É lá também que fãs da obra do contista deixam livros à espera de um autógrafo do Vampiro, que, dentro do possível, os assina e deixa-os no mesmo balcão, para serem retirados pelos donos no dia seguinte.

“Há muitos textos flácidos, gordurosos, que não deveriam ter saído da gaveta ou do computador. Dalton Trevisan espreme até a última gota para depois espremer mais uma vez.”

Paulo Venturelli, escritor e professor da UFPR.

O (quase) silêncio do Vampiro

Nas poucas vezes em que concedeu entrevista, Dalton Trevisan estabeleceu um padrão tão econômico quanto aquele presente em sua prosa

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Uma perversa — mas também instigante — dúvida paira sobre a cabeça de quem tenta entender o silêncio de Dalton Trevisan. Os críticos, claro, sempre preferem a saída utilizada pelo próprio autor, que em poucas palavras acaba com qualquer discussão ou teoria conspiratória: tudo que o escritor tem para falar está em seus livros. No entanto, mentes mais desconfiadas volta e meia especulam sobre a possibilidade de uma *mise-en-scène* por parte do autor em busca não de Curitiba perdida, mas de publicidade. O que as longas décadas de silêncio tratam de desmentir.

Por um tempo, o escritor chegou a distribuir um *press-release* aos jornalistas que tentavam quebrar o seu silêncio. No documento, Dalton se antecipava às perguntas que certamente teria de responder, caso se submetesse a entrevistas. No mesmo estilo minimalista de seus contos, o escritor elencava seus até então 15 livros e imprimia frases que entrariam para o anedotário que o cerca. “Nada tem a dizer fora dos livros. Só a obra interessa, o autor não vale o personagem. O conto é sempre melhor



Luiz Vilela e Dalton Trevisan conversam em 1968, em Curitiba. A entrevista foi publicada no *Jornal da Tarde*.

do que o contista.” Dalton criava ali o mantra que seria evocado toda vez que algum desavisado fosse lhe importunar. Sobre de onde surgem as infinitas histórias de Joões e Marias, confidencia-va: “Notícia policial, frase no ar. Bula de remédio, pequeno anúncio, bilhete suicida, o seu fantasma no sótão, confiança de amigo, a leitura de clássicos, etc. O que não lhe contam, escuta atrás da porta. Adivinha o que não sabe — e com sorte você descobre o que, cedo ou tarde, acaba acontecendo”. Páginas e páginas de crítica literária e teses acadêmicas resumidas em quatro linhas. E sobre a sua elíptica forma de escrever, sentenciava: “Para escrever o menor dos contos, a vida inteira é curta. Nuca termina uma história, basta reler para começar”. Uma resposta para os críticos que o chamam de repetitivo?

O documento teria origem em uma matéria produzida pelo jornalista Mussa José Assis, que em 1972 entrevistou Dalton Trevisan para o “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*. Conhecido de Trevisan, Mussa convenceu o Vampiro a travar uma “conversa informal”, marcada para acontecer no escritório de Dalton, anexo à fábrica de vidros da família Trevisan, na Rua Emiliano Perneta. O papo virou entrevista e foi publicado na reestrela do “Suplemento”, juntamente com o conto “Firififi”, que apareceria em *O rei da terra*, coletânea de 1975. Ao longo do papo, Dalton falou sobre o sonho de ser corredor dos 110 metros com barreiras, a faculdade de Direito que cursou na Universidade Federal do Paraná (UFPR), a curta carreira como advogado, o casamento com dona Yole, as duas filhas e sua origem abastada. Além disso, explicações sobre o ofício de contista, que apareceriam no *release* distribuído por Dalton, também estão na entrevista.

“Há o preconceito de que depois do conto você deve escrever no-

vela e, afinal, romance. Meu caminho será do conto para o soneto e para o haicai.” Já sobre sua reclusão, ironiza-va: “Detesta as pessoas que não conhece. Não se acha figura difícil, esbarra diariamente consigo em todas as esquinas de Curitiba”.

Se o escritor, depois de ter algumas de suas frases publicadas pelo “Suplemento”, passou a usar a entrevista como *release*, não se sabe. Mas, na comparação, os textos são bastante parecidos. Ainda assim, um índice pouco confiável em se tratando de Dalton Trevisan.

Conversas com o Vampiro

Nas poucas entrevistas que Dalton Trevisan concedeu, os assuntos são quase sempre os mesmos, assim como a economia nas palavras.

Em 1968, o jornal *Diário do Paraná* publicou um texto contendo algumas aspas de Dalton Trevisan, que acabara de ganhar o “I Concurso Nacional de Contos”, realizado pela Fundepar, órgão do Governo do Estado do Paraná. O jornal noticiou a matéria como “a primeira entrevista concedida por Dalton Trevisan a um repórter”. O material, assinado por Jorge Norozniak, revelava um Dalton “simpático na realidade, mas que prefere manter oculta a sua face de escritor”. O pingue-pongue foi transformado em texto corrido, em que as aspas do autor são revezadas com algumas bisbilhotices do jornalista. “É facilmente encontrado no teatro, às vezes conversando na avenida João Pessoa, e em conversa com amigos chegou a dizer o que é preciso para se escrever contos: ‘Antes de tudo, talento’”, escreve Norozniak.

A entrevista se deu na presença de alguns ilustres personagens da literatura nacional, entre eles Rubem Braga, Fausto Cunha e Temístocles Linhares, que vez ou outra davam seus pitacos a respeito da carreira de Trevi-



DALTON, A 1.ª ENTREVISTA

Por JORGE NOROZNIAK
Fotos de ANTÔNIO FERREIRA



Eis a Face Oculta do “Vampiro”

Dalton Trevisan, simpático na realidade, prefere manter oculta a sua face de escritor. Entrevista a direção da fábrica de vidros da família Trevisan, na Rua Emiliano Perneta, em Curitiba. O texto foi publicado no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*.

O autor do romance “O Vampiro” é conhecido por Dalton Trevisan a um repórter. Ele não se acha figura difícil, esbarra diariamente consigo em todas as esquinas de Curitiba. Não se acha figura difícil, esbarra diariamente consigo em todas as esquinas de Curitiba. Não se acha figura difícil, esbarra diariamente consigo em todas as esquinas de Curitiba.



Matéria do jornalista Jorge Norozniak no *Diário do Paraná*, em 1968, anunciada como a primeira entrevista de Dalton Trevisan.

san. Em tom de pilhéria, Rubem Braga afirmava que “Dalton Trevisan é o maior escritor da rua Emiliano Perneta”. Ao que Trevisan replicava: “Diga-se também que sou o único contista que mora naquela rua”.

Falando sobre seu estilo, o contista afirmava que fazia uma detalhada pesquisa linguística nos mais diver-

sos gêneros de escrita, como processos criminais, folhetos e bulas de remédio. Rubem Braga, mais uma vez, intervinha, dizendo que a gênese da literatura do Vampiro estava mesmo nas histórias comuns, que se encontra em cada esquina, de gente simples. “Os operários de sua empresa trabalham oito horas por dia e são requisitados para mais

ENTREVISTAS

meia hora extra, para contar a sua vida.”

Ainda em 1968, outra entrevista com Dalton Trevisan surgiria na imprensa brasileira, desta vez no *Jornal da Tarde*, de São Paulo. Luiz Vilela, um dos escritores premiados no Concurso Nacional de Contos, veio a Curitiba para receber o prêmio e, de quebra, tentar uma entrevista com o recluso escritor curitibano. No texto, Vilela refaz a trajetória literária de Dalton até ali, citando os renegados *Sonatas ao luar* (1945) e *Sete anos de pastor* (1948), além da revista *Joaquim* e do primeiro livro em circuito comercial, *Novelas nada exemplares*, publicado em 1959 pela José Olympio, à época uma das principais editoras do país. “Os elogios são inúteis; uma crítica estimula quando é negativa”, bradava Dalton Trevisan. Em outro trecho, aparentemente se referia à crítica negativa de Otto Maria Carpeaux ao seu livro de estreia. “Isso foi ótimo”, disse o contista, que, segundo o texto de Luiz Vilela, pensou em utilizar aquele artigo como orelha de um livro posterior.

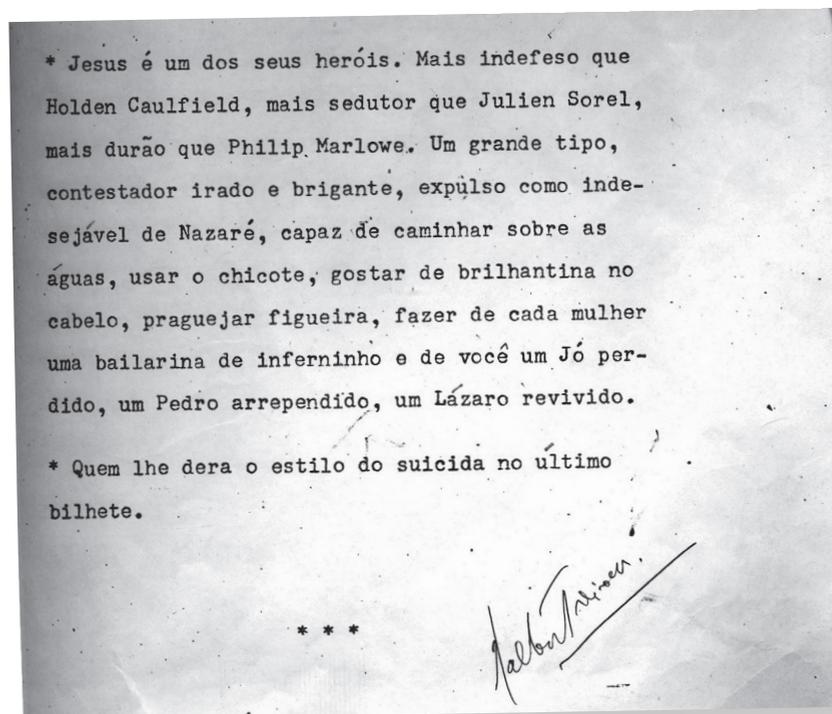
Assim como na entrevista a Jorge Naroziak, no papo com Luiz Vilela Dalton Trevisan está à vontade, animado, como um Nelsinho à procura de diversão. Em um dos trechos, Vilela descreve a animação do escritor na noite curitibana: “É meia-noite num bar, e o garçom acaba de pôr mais uma dose de uísque no copo. O rosto de Dalton está vermelho, tem um aspecto trágico: lembra alguns retratos de Giovanni Papini no fim da vida, um Papini mais moço”, escreve Vilela. “A noite de Curitiba está fria, mas agradável”, continua Vilela, “alguém sugere um cafezinho. Dalton sorri: ‘Não quero tirar o bom do uísque’”.

A eloquência do reservado escritor nessas entrevistas poderia sugerir uma mudança de postura, de um autor que começava a abraçar a fama e compartilhar de suas ideias e angus-



Rubem Braga e Dalton Trevisan na premiação do “Primeiro Concurso Nacional de Contos”, do qual o escritor paranaense foi o vencedor.

tias com os leitores. Mas, ao contrário, a partir dessas entrevistas, Dalton intensifica sua reclusão, passa a evitar a imprensa e, em certa medida, até mesmo os antigos amigos de *Joaquim*, como Wilson Martins. Em uma entrevista ao jornalista e escritor Cadão Volpato, que nos idos dos anos 1990 tentava entrevistar Dalton para a revista *Época*, Martins revelou que simplesmente perdera o contato com o antigo amigo. “Não nos vemos há cerca de seis anos. Um dia, voltando dos Estados Unidos, eu o procurei, como sempre fazia, mas notei que algo estava errado. Bem, ele tem um temperamento difícil — com Poty, por exemplo, ilustrador de boa parte de seus livros e amigo íntimo, ele simplesmente deixou de falar durante muitos anos. Por alguma razão que desconheço, Dalton não me procurou mais, nem eu a ele.” ■



O press-release que Dalton Trevisan distribuía aos repórteres que tentavam entrevistá-lo. No detalhe, a assinatura do escritor.

ENTREVISTA | LUIZ VILELA

De contista para contista

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Em 1968, Luiz Vilela realizou dois feitos profissionais: o primeiro, ser premiado, junto com escritores como Ignácio de Loyola Brandão e Lygia Fagundes Telles, pelo Concurso Nacional de Contos do Paraná. O segundo, entrevistar Dalton Trevisan, o grande vencedor do concurso e, segundo o próprio Vilela, sua principal influência no conto.

O papo de Vilela com Trevisan permanece como um dos únicos registros em que o escritor curitibano abriu a guarda, falou da vida privada e dos objetivos profissionais. Como e em que circunstância isso ocorreu? O próprio Vilela conta a seguir.

Em que circunstância se deu a entrevista com o Dalton?

Em 1968, houve o Concurso Nacional de Contos, do Paraná, promovido pela Fundepar. Cada concorrente devia apresentar, sob pseudônimo, um conjunto de três contos, que seriam julgados por uma comissão constituída de cinco membros, recrutados entre escritores de Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Houve mais de 1.200 concorrentes, com mais de 3.500 contos, vindos das mais diferentes regiões do país. Em 26 de junho, saiu o resultado. O ganhador: Dalton Trevisan. Além dele, e de acordo com o regulamento, outros cinco autores classificados em igualdade de condição: Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola, Flávio José Cardoso, Jurandir Ferreira e Luiz Vilela. A entrega dos prêmios seria feita no dia 29, sexta-feira, pelo governador Paulo Pimentel, em sessão solene, no Palácio Iguaçu. Todas essas notícias chegaram de imediato, por telex, ao jornal em que eu trabalhava, o *Jornal da Tarde*. Cumprimentos e abraços dados, o jornal me liberou

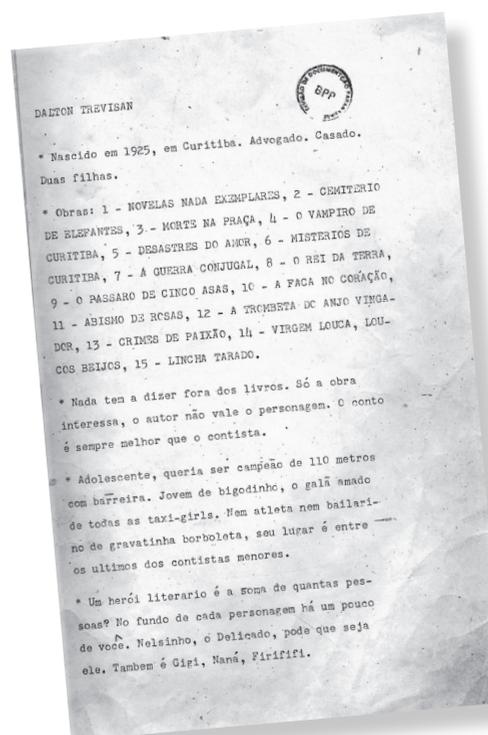
para ir receber o prêmio e me encarregou, como enviado especial, de entrevistar o Dalton. Assim, no dia 29, eu desembarcava no Aeroporto Afonso Pena, com uma dupla missão: receber meu prêmio e entrevistar Dalton Trevisan. Ambas as missões foram devidamente cumpridas. Alguns meses depois saía, editado pela Bloch, o livro com os contos premiados: *Os 18 Melhores Contos do Brasil*.

Em 1968 Dalton Trevisan já tinha a fama de recluso. Por que você acha que ele aceitou falar da família, de seus hábitos de escrita e de sua obra?

A explicação me foi dada pelo próprio Dalton, assim que nos encontramos. Ele me disse que sabia que eu conhecia sua obra, mas havia gente que queria entrevistá-lo e não havia lido nem um só de seus livros. E por que ele disse isso? É simples. Um ano antes, em 1967, eu havia publicado meu primeiro livro, de contos, o *Tremor de terra*, que ganhou, a seguir, em Brasília, o Prêmio Nacional de Ficção, na época o maior prêmio literário do país. Pouco depois, com perguntas elaboradas por escritores mineiros de Belo Horizonte, jovens e velhos, o *Estado de Minas* fez comigo uma grande entrevista. Uma das perguntas foi: “Qual o escritor que mais o influenciou como contista?”. A minha resposta: “Um brasileiro: Dalton Trevisan. Um estrangeiro: Hemingway”. Mande a entrevista para o Dalton, com quem eu nunca tivera até então nenhum contato. Dias depois recebi dele uma de suas famosas brochuras, com dedicatória.

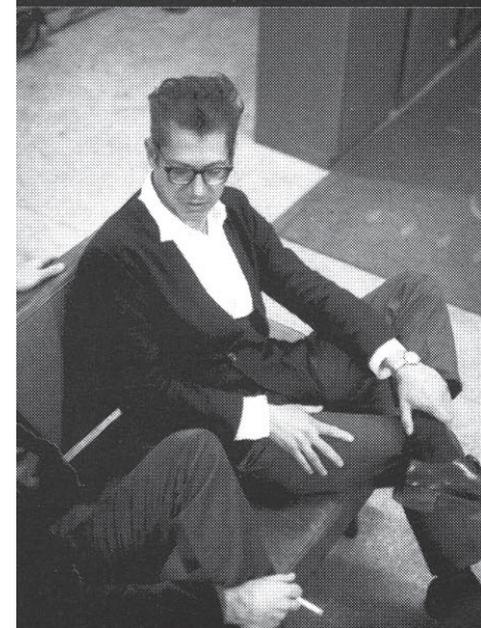
Depois dessa entrevista, você teve mais algum contato com o Dalton?

Em 1971, quando eu estava às voltas com a publicação de meu primeiro romance, *Os novos*, recebi dele uma cartinha simpática: “Soube que você está escrevendo um



Reprodução de primeira página da *press-release* escrito por Trevisan.

romance e desejo-lhe boa sorte. Grande abraço do seu velho Dalton”. Alguns meses depois, no começo de 1972, com o meu romance já publicado, planejei ir a São Mateus do Sul (PR), onde minha irmã morava, e até hoje mora, para passar com ela o feriado de Carnaval. Escrevi ao Dalton contando o meu plano e manifestando o meu desejo de, na oportunidade, dar um pulo a Curitiba para encontrá-lo. Ele me respondeu: “Grande alegria será, beberemos umas e outras celebrando o seu romance”. Acabei não indo. Mas em setembro fui, e então, estando em São Mateus, tirei um dia para ir a Curitiba, com a intenção de encontrá-lo. Encontramo-nos, fomos para um bar próximo à rodoviária e lá ficamos bebendo cerveja e batendo papo até a hora de meu ônibus sair. Foi a última vez que o vi. Depois disso não tivemos mais nenhum contato. Mas, é claro, continuei acompanhando a sua trajetória de autor e lendo sempre os seus livros. Que ele, em seus mais de 80 anos, continue a escrever e a publicar, só pode ser motivo de admiração para todos nós, os seus leitores. ■



UMA COALHADA COM DALTON TREVISAN

Ilustração:
Allan Sieber

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Não vou falar da obra, deve estar assim de gente falando, interpretando, analisando, jogando luzes. Tenho em casa, em Araraquara, um pequeno tesouro. São aqueles livrinhos que Dalton Trevisan publicava por conta própria com seus contos. Pareciam cordéis. Não sei como chegavam às minhas mãos. Mas chegavam aqui em São Paulo. Lia e guardava, em matéria de papel sou colecionador compulsivo. Guardo tudo, sem saber o que vou fazer depois. Hoje sei o valor daqueles livrinhos. Teve época em que até quis produzir alguns.

Mas quero contar uma dívida que terei para sempre com Fernando Sabino. Certa vez, íamos os dois falar em Ponta Grossa. Ele veio do Rio para Curitiba, eu de São Paulo. Sabino chegou na frente e ficou no hotel. Alguém me apanhou no aeroporto e disse: “Vamos ao hotel, Sabino está lá, ele entra e seguimos”. Porém, Fernando mandou dizer que era para eu descer e ir tomar uma coisa no bar, havia um amigo dele que queria muito me conhecer. Desci.

Então, ele me apresentou aquele homem magro e de óculos, que me estendeu a mão: “Prazer, Dalton Trevisan!” Puxa, aquele era o Dalton, mítico! Simples, tranquilo, nunca imaginei conhecê-lo assim. Dalton ficou um pouco mais, levantou-se, se foi. Acho que conversamos cinco minutos.

Fernando Sabino: “Ele esta-

va louco para te conhecer, fiquei segurando, e você não chegava”. Fiquei feliz. Puxa, o Dalton queria me conhecer? Sabia que eu existia? Trouxe aquela memória por anos. Recentemente, em Sete Lagoas (MG), quando contei esta história, Humberto Werneck, jornalista, biógrafo, cronista, deu um sorriso: “Pois soube que o Sabino segurou

o Dalton dizendo que você daria a vida para apertar a mão dele”.

Não importa, conheci o Dalton. Depois disso, às vezes, quando no começo dos anos 1990 ia a Curitiba pesquisar para a biografia de Avelino Vieira, que a Maria Christina de Andrade Vieira me encomendou sobre o pai dela (e quanta falta sinto da Christina), vá-

rias vezes entrei na confeitaria Schaffer (é assim que se escreve?) e dei com Trevisan à mesa. Uma vez tomamos uma coalhada com mel juntos. ■

 **Ignácio de Loyola Brandão** é jornalista e escritor. Autor dos romances *Zero* (1975) e *Não verás país nenhum* (1981). Seu mais recente livro é *Acordei em Woodstock* (2011). Vive em São Paulo (SP).



FOTOGRAFIA

No porão da alma curitibana

No livro *A eterna solidão do vampiro*, o fotógrafo Nego Miranda retrata a essência do principal personagem das obras de Dalton Trevisan: a cidade de Curitiba

FELIPE KRYMINICE

Produzir uma imagem do recluso Dalton Trevisan é uma façanha que instiga muitos fotógrafos do país. Ainda hoje, há quem desembarque na capital paranaense em busca de um registro do Vampiro. Curitibano e leitor da obra de Dalton Trevisan, o fotógrafo Nego Miranda decidiu fazer o caminho inverso de seus colegas no livro *A eterna solidão do vampiro* (2010). Deixou de lado a figura de Trevisan e retratou, com precisão, no melhor estilo daltoniano, a Curitiba mítica criada pelo contista. Agora, parte dessas imagens poderá se vista em uma exposição que estreia no dia 14 de junho na Biblioteca Pública do Paraná.

Depois de desenvolver projetos sobre a arquitetura de Morretes, a erva-mate e outros temas paranaenses, Miranda sentiu que estava na hora de fazer um trabalho sobre a cidade de Curitiba. “Mas não queria fazer algo postal. Queria retratar a alma do curitibano, o porão da alma do curitibano. E quem conhece melhor a cidade do que o Dalton?”, indaga o fotógrafo.



Surgiu, então, a ideia de compor o que Miranda considera o “mapeamento do Vampiro de Curitiba”. O passo seguinte foi tentar entrar em contato com o contista. Depois de alguma espera e suspense, por meio de amigos em comum, Trevisan enfim autorizou a publicação do trabalho.

Ao selecionar os trechos das obras do escritor que acompanhariam as imagens, o fotógrafo descobriu que precisaria mergulhar ainda mais fundo na cidade do Vampiro. “Minha ideia não foi lançar luz sobre a misteriosa literatura de Dalton, mas sim realçar esse ar sombrio. Quis reforçar essa coisa densa. Por isso, fiz algumas fotos às 4 horas da manhã, por exemplo. Não é aquela Curitiba do Bondinho, é uma Curitiba pesada. A cidade que o Dalton gosta de escrever e que a gente encontra em sua obra”, explica.

Ao registrar locações famosas e personagens célebres das histórias de Dalton, as lentes de Miranda capturaram traços característicos da cidade com um olhar muito semelhante ao do escritor. O resultado não poderia ser outro: em *A eterna solidão do vampiro*, Nego Miranda descobre uma nova Curitiba a cada clique.

Ansioso para saber a opinião do Vampiro sobre o trabalho, Miranda procurou uma amiga em comum. A resposta veio na forma de um relato breve e conciso. Segundo ela, Trevisan gostou da seleção de frases e do casamento entre textos e imagens. “Escutei sussurros do Vampiro”, disse a amiga, encerrando a história, para orgulho do fotógrafo.

Vampiro de cinema

A linguagem tentadora do Vampiro de Curitiba não seduz apenas fotógrafos como Nego Miranda. Dramaturgos e cineastas também já produziram adaptações da obra de Dalton, comprovando que o seu legado vai muito além das fronteiras da li-

teratura. Outros artistas, embora não tenham realizado trabalhos de reprodução, não escondem sua atração pela marcante produção do autor.

Um dos profissionais que flertam com essa tentação é o cineasta Fernando Severo. Fã de Dalton, ele acredita que há características da linguagem do escritor que simplesmente não podem ser transpostas para o cinema. “Parte da linguagem do Dalton Trevisan é intransponível para as telas, principalmente os contos menos descritivos, em que o diálogo altamente estilizado, genial na forma escrita, pode soar artificial na boca dos atores. Ele consegue evocar a vida interior dos personagens em pouquíssimas palavras, às vezes através de simples reticências. É preciso uma conjunção miraculosa entre um grande diretor e grandes atores para se chegar perto disso no cinema”, afirma.

Segundo o cineasta, embora Dalton Trevisan tenha criado um universo à parte, uma espécie de Curitiba mítica de ressonância universal, há produções consagradas do cinema que apresentam alguma semelhança com sua obra. “As evocações autobiográficas de Fellini talvez tenham alguns traços similares, na riqueza da tipologia humana. Sempre imaginei as perambulações noturnas do Nelsinho e de outros personagens similares numa estética de *film noir*”.

Mesmo com toda a dificuldade de transpor a obra de Dalton Trevisan para outras linguagens, os livros do autor continuam sendo fonte inesgotável de adaptações para o teatro e até para o cinema. A peça *O vampiro e a polaquinha* teve extensa temporada em Curitiba. Somente no Teatro Novelas Curitibanas, ficou em cartaz por quatro anos, sob a direção de Ademar Guerra. Foi recorde de público, e após mais de mil apresentações, a peça seguiu para outros palcos da cidade. O produtor teatral João Luiz Fiani adaptou inúmeras

“ Quereria retratar a alma do curitibano, o porão da alma do curitibano. E quem conhece melhor a cidade do que o Dalton?”

livros de Trevisan, a mais recente *Macho não ganha flor*, integrante da Mostra Fringe do Festival de Teatro de Curitiba em 2011. O ator Marino Jr. apresentou um monólogo baseado em contos selecionados pelo próprio Dalton.

Já o filme *Guerra conjugal* (1975) é uma adaptação de contos escolhidos dos livros *Guerra conjugal*, *Novelas nada exemplares*, *Desastres do amor*, *O Vampiro de Curitiba*, *Cemitério de elefantes* e *O rei da terra*. Escrito e dirigido por Joaquim Pedro de Andrade e com Lima Duarte no elenco, a produção venceu diversos prêmios em festivais nacionais e internacionais. Dalton assistiu ao filme e manifestou sua opinião no artigo “O filme visto por Dalton”, publicado no jornal *O Globo* em 24 de março de 1975: “O belíssimo filme de Joaquim Pedro me deslumbrou os olhos, alegrou o coração e edificou a alma. Melhor que o livro é essa fabulosa obra-prima dirigida com garra, humor e consciência crítica. Uma experiência inesquecível o filme *Guerra conjugal*. Foi para mim e será para todos os que assistirem”.

Nas pegadas do Vampiro

Para celebrar os 87 anos de Dalton Trevisan, a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) promove uma exposição com fotos e textos extraídos do livro *A eterna solidão do vampiro*, de Nego Miranda. A mostra estreia no dia 14 de junho, aniversário do escritor, e fica em cartaz durante um mês no hall de entrada da BPP. A entrada é franca. ■

FOTOGRAFIA



Uma raridade: escritor que escreve

MARCELO SPALDING

Dalton Trevisan é escritor que escreve, caso raro hoje em dia, quando escritores dão entrevistas, fazem shows, tocam instrumentos, aparecem na televisão, rebolam e até escrevem. E Trevisan escreve muito: seus contos curtos e seus minicontos são verdadeiros icebergs com muito

mais de um oitavo submerso, textos que não subestimam o leitor e dão a ele enorme espaço de interpretação. *Novelas nada exemplares*, de 1959, e *Ah, é?*, de 1994, são símbolos desta estética concisa. O primeiro foi um desafio à prolixidade literária de seu tempo, um livro *avant la lettre*. Um segundo foi um nocaute no que restasse de prolixo na prosa brasileira. Ao resumir toda uma história em: “A

velha insônia tossiu três da manhã.”, Trevisan recupera o essencial da prosa, testa os limites narrativos e reinventa sua própria estética. Tudo isso em silêncio, sem holofotes, afinal Trevisan é escritor que escreve.

 **Marcelo Spalding** é escritor e jornalista.
Vive em Porto Alegre (RS).

RETRATO DE UM ARTISTA DALTON TREVISAN

Por **Orlandeli**

Dalton Trevisan nasceu dia 14 de junho de 1925 em Curitiba, cidade que é cenário para a sua vasta e premiada obra literária. Na juventude, escreveu e publicou sonetos na revista *Tingui*, migrou para a prosa e fez história ao editar a *Joaquim*, entre 1946 e 1948. A estreia oficial foi em 1959, com *Novelas nada exemplares*. Desde então, publica praticamente um livro inédito de contos todo ano. É considerado um mestre do gênero pelo fato ter criado uma dicção literária própria a partir de elipses, texto sintético e personagens peculiares, como os Joões, as Marias e, em especial, Nelsinho, o galã que protagoniza *O Vampiro de Curitiba* (1965). O autor circula sem chamar atenção pelas ruas da capital paranaense, frequenta livrarias, não concede entrevistas e é atento às transformações da cidade e do mundo, o que se evidencia em suas obras recentes, entre as quais *Violetas e pavões* (2009) e *Desgracida* (2010).

 **Walmir Americo Orlandeli** é cartunista e ilustrador. É co-autor do livro *Humor pela paz e a falta que ela faz*. Vive em São Paulo (SP).

